

Fala, Irmão José!

Pergunta

Pág 02



Abrindo Janelas

Distúrbios Psíquicos e Suicídio

Astrid Sayegh/Marcus Ribeiro/Katia Flocke

Pág 02



Espaço Chico Xavier

Chamados a Servir

Pág 03



O que Disse Kardec?

Contradições

Pág 04



Filosofia e Espiritismo
O Espiritismo e as Religiões

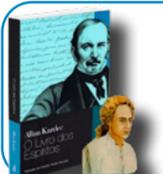
Pág 05



Psicologia Espírita
 por Joanna de Ângelis

Silêncio Para Ouvir Deus

Pág 06



O Livro dos Espíritos
 Sob a Ótica Filosófica de Miramez

Penas Temporais

Pág 08



Dicas de Leitura
Cidadão Rivail
Raízes e Vida de Allan Kardec

Pág 11



Para Reflexão
Conflitos Doutrinários

Pág 09



Instruindo-se com Revista Espírita
Constituição Transitória do Espiritismo

Pág 10



Você Sabe Quem foi?
Quem é Este Homem?

Pág 15



Desvendando o Evangelho
Segundo o Espiritismo
Olhai as Aves do Céu

Pág 15



Ciência e Espiritismo
A Atualidade do Termo "Fluido" no
Espiritismo

Pág 17



Aprofundando o
Conhecimento das Leis Divinas
Lei de Igualdade

Pág 17



Obras Básicas em Foco
O Livro dos Espíritos e a Prática
Mediúcnica

Pág 21



A Ecologia Espiritual de
Allan Kardec

Pág 23



A Doutrina Espírita é Dogmática?

Pág 27



Compreendendo a Dor

Pág 28



A Visão Espírita do Natal

Pág 29



Razão e Bom Senso -
Qualidades do Ser Pensante

Pág 33

Fora da Caixinha

O Que Acontece Por Aí

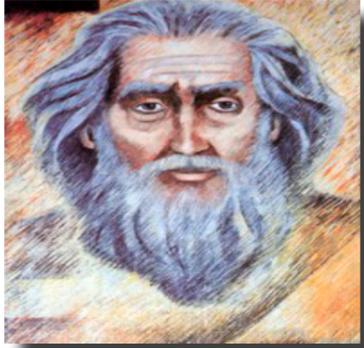
| | |
|--|--------|
| Pinacoteca de São Paulo | Pág 33 |
| Museu Da Língua Portuguesa: Exposição "Essa Nossa Canção" | Pág 33 |
| Para a Criançada : "Catraquinha" | Pág 33 |
| Palavra em Prosa e Verso: Adélia Prado "Com Licença Poética" | Pág 34 |
| O Risco de Que o Autocuidado Vire Uma Obrigação | Pág 34 |

O Espiritismo será o traço de união que aproximará os homens divididos pelas crenças e pelos preconceitos mundanos. (Allan Kardec - Viagem Espírita - 1862)

O IDEM tem como missão levar ao leitor artigos, textos e mensagens com base nos princípios espíritas, trazendo temas atuais para que possamos refletir se realmente estamos vivenciando os ensinamentos deixados por Jesus, nosso Mestre e Guia.

Se você tem críticas, sugestões de melhorias ou assuntos que gostaria de ver em nosso informativo, entre em contato através do email: idem@geedem.org.br

Leia e ajude a divulgar o IDEM!



Fala, Irmão José!

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDM, enseja-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

PERGUNTA

Nesta hora difícil que a Humanidade atravessa, prenunciando tempos novos, é natural que perguntes o que tens de melhor a fazer para que não te percas no cipoal de tantas e tão rápidas transformações que assolam o planeta.

Não temos por resposta o que, por certo, já sabes, necessitando contudo, que aóenas te recordes das medidas fundamentais a serem adotadas na conservação de tua Paz.

Por mais insignificante te pareça, persevera no cumprimento do dever a que foste chamado, sem relegar as tuas responsabilidades para quem quer que seja.

Firma-te em tuas convicções, sem permitires te abalar pela onda de ceticismo que, infelizmente, compele muitos à debandada Da fé em Deus.

Diante de tanta injustiça e das atitudes daqueles que corrompem a própria consciência, não desanimes do Ideal que abraçaste, mesmo quando te sintas quase a sós a pelejar para que a Luz se sobreponha às trevas.

Compreende os que se fragilizam na caminhada e caem sob a guante da tentação, não deixando, quanto possível, de lhes estender as mãos para que se reergam da queda.

Sempre que solicitado, nunca deixes de animar os que carecem de ouvir a tua palavra de esperança no futuro.

Mesmo interiormente, algo apreensivo, procura manter-te sereno para que a tua serenidade possa ser um ponto de apoio para aqueles que se aturdem e tendem a perder o equilíbrio nas provações.

Não olvides que a hora difícil é também a hora em que os nobres valores têm oportunidade de se realçar, falando das reais conquistas que já lograstes levar efeito no mundo de ti mesmo.

Sobretudo, não esperes que privilégios venham te favorecer, porque o espírito interessado em redenção sabe que o instante do Calvário, que antecede a sua vitória no campo da autossuperação, é inevitável.

Fonte: Livro *Hora de Transição* (Carlos Baccelli/ Irmão José)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores, alguns pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explicações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

Palestrantes:

Astrid Sayegh (Pós-doutora em Filosofia, fundadora e presidente do IEEF)

Dr. Marcus Ribeiro (Psiquiatra, Presidente da AME-SP)

Kátia Flocke (Psicóloga e neurocientista, fundadora e presidente do Instituto Alpha do bem.)

Tema: Distúrbios Psíquicos e Suicídio

Assista na íntegra:

https://www.youtube.com/watch?v=xj7P_T41mps



Espaço Chico Xavier

Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho. Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

Chamados a Servir

Chamados para servir, quantos de nós temos alegado, até agora, insuficiência, falha, defeito ou incapacidade, tentando justificar a própria omissão?

Curioso pensar, porém, que o Evangelho do Senhor não nos convida para exercer o ministério dos anjos e sim nos solicita engajamento para desempenhar o papel de servidores. Neste sentido importa recordar os elementos imperfeitos da própria Terra, convocados para a organização sócio-planetária conquanto as deficiências com que se caracterizam.

Enumeremos alguns:

A pedra é agressiva e capaz de ferir, mas suportando corte e ajustamento é a base da moradia e da estrada nobre em que os homens edificam intercâmbio e segurança.

O solo em si é matéria primitiva concentrada, todavia, em se deixando tratar convenientemente, é celeiro de produção intensiva.

Certos fios metálicos atirados ao léu são resíduos para a sucata, no entanto, se ligados ao serviço elétrico fazem-se de imediato condutores de luz e força.

Os bichos-da-seda não são agradáveis ao olhar, mas se atendem aos programas de trabalho do sericicultor dão origem a tecidos valiosos.

O ouro é a garantia simbólica das riquezas de cúpula da organização social, entretanto o esterco é o agente que assegura a vitalidade e o perfume das rosas.

Chamados para servir! — Eis a indicação do Mais Alto no rumo de quantos amadurecem nas experiências do mundo, buscando a compreensão do bem. Se escutaste semelhante convite, não alegues inutilidade ou imperfeição para cobrir a própria fuga. O Senhor nos conhece claramente a condição de Espíritos ainda incompletos, mas se nos dispusermos a lhe ouvir a palavra, disciplinando-nos para o valor da utilidade, estaremos logo no clima do progresso em plenitude de melhoria e de elevação.

Fonte: Livro *Na Era do Espírito* (Chico Xavier - *Espíritos Diversos*) | Cap. 04 - Emmanuel
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



A necessidade do estudo e do conhecimento está na base de toda atividade espírita, desde o seu nascimento. Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, enfatizou a importância do estudo e do conhecimento como forma de discernir entre o dogmatismo e o que é comumente conhecido como "fé raciocinada". No primeiro caso, em se tratando de um dogma, admitimos determinada crença ou doutrina sem contestação, sem passarmos pelo crivo da razão, negligenciando o entendimento e o debate salutar. No segundo caso, a busca da compreensão nos leva a entender o porquê dos acontecimentos, dos eventos, das narrativas e dos fatos anunciados por outra pessoa. Ou seja, o estudo das obras básicas do Espiritismo livra-nos do erro da absolutização do relativo.

Ao tratarmos do pensamento, somos passíveis de confundir a parte com o todo. Um estudo sério dos princípios doutrinários ameniza tal erro. Senão, vejamos: lemos um romance, que retrata um caso particular. De imediato, queremos generalizar este episódio, aplicando-o a todo o ser vivente. Esquecemo-nos de que o relato é uma verdade relativa; serve para aquela situação, mas não deve ser extrapolado para toda a humanidade. Da leitura do romance, podemos deduzir que a reencarnação é um castigo. Confrontando, porém, com os ensinamentos trazidos por Allan Kardec, vemos que a reencarnação é sempre uma oportunidade de evolução, não um castigo. A dúvida se desfaz e passamos a enfrentar com mais segurança os revezes do nosso caminho. Aprendemos, assim, que podemos sofrer porque queremos evoluir e não simplesmente por causa da ira de Deus.

As obras ditas subsidiárias são importantes, mas, devemos "**começar pelo começo**", ou seja, estudar profundamente as obras básicas da codificação Kardequiana para que tenhamos sensatez acerca da coerência doutrinária.

Assista ao vídeo da campanha aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=iP32-dfu5as&t=40s>



Contradições

97. As contradições que frequentemente se notam, na linguagem dos Espíritos, não podem causar admiração senão àqueles que só possuem da ciência espírita um conhecimento incompleto, pois são a consequência da natureza mesma dos Espíritos, que, como já dissemos, não sabem as coisas senão na razão do seu adiantamento, sendo que muitos podem saber menos que certos homens.

Sobre grande número de pontos, eles não emitem mais que a sua opinião pessoal, que pode ser mais ou menos acertada, e conservar ainda um reflexo dos prejuízos terrestres de que se não despojaram; outros forjam sistemas seus, sobre aquilo que ainda não conhecem, particularmente no que diz respeito a questões científicas e à origem das coisas. Nada, pois, há de surpreendente em que nem sempre estejam de acordo.

98. Espantam-se de encontrarem comunicações contraditórias assinadas por um mesmo nome. Somente os Espíritos inferiores mudam de linguagem com as circunstâncias, mas os Espíritos superiores nunca se contradizem.

Por pouco que se esteja iniciado nos mistérios do mundo espiritual, sabe-se com que facilidade certos Espíritos adotam nomes diferentes, para dar mais peso às suas palavras; disso com segurança se pode inferir que se duas comunicações, radicalmente contraditórias no fundo do pensamento, trazem o mesmo nome respeitável, uma delas é necessariamente apócrifa.

99. Dois meios podem servir para fixar as ideias sobre as questões duvidosas: o primeiro, é submeter todas as comunicações ao exame severo da razão, do bom senso e da lógica; é uma recomendação que fazem todos os bons Espíritos; abstêm-se de fazê-la os maus, pois sabem não ter senão a perder com esse exame sério, pelo que evitam discussão e querem ser cridos sob palavra. O segundo critério da verdade está na concordância do ensino. Quando o mesmo princípio é ensinado em muitos pontos por diferentes Espíritos e médiuns estranhos uns aos outros e isentos de idênticas influências, pode-se concluir que ele está mais próximo da verdade do que aquele que emana de uma só fonte e é contradito pela maioria.

(Ver O Livro dos Médiuns, cap. XXVII. Revista espírita, abril 1864, Autoridade da Doutrina espírita – Controle universal do ensino dos Espíritos. A moral do Evangelho segundo o Espiritismo, Introdução, § II).

Fonte: Livro O Que É O Espiritismo (Allan Kardec) - Cap. 2 - Noções Elementares do Espiritismo
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada de injusto pode querer; que não dele, porém dos homens vem o mal, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros.

Allan Kardec

A Gênese » As predições segundo o Espiritismo » Capítulo XVIII - São chegados os tempos » Sinais dos tempos » 17



“A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não se apoiar sobre base inabalável. Essa base é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, visto que, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que toda gente pode aceitar e aceitarão: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres.



Kardec afirma, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua “filosofia”, o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção de realidade. Segundo Manuel Gonzales Soriano, o Espiritismo é “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade”. É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

O Espiritismo e as Religiões

A posição do Espiritismo, em face das religiões, foi definida desde o princípio, ou seja, desde a publicação de “*O Livro dos Espíritos*”. A terceira parte do livro tem o título de “*Leis Morais*”, e começa pela afirmação: “*A lei natural é a lei de Deus*”, que equivale ao reconhecimento da unidade divina de todas as leis que regem o Universo., Note-se que Kardec e os Espíritos referem-se à lei de Deus no singular, como lei única, e nela incluem as leis morais, no plural. Assim, as leis morais são espécies de um gênero, que é a lei natural. Mas como esta não é a lei da Natureza, e sim a lei de Deus, não estamos diante de uma concepção monista natural, mas de uma concepção monista de ordem ética. As religiões, como fenômenos éticos, formas de educação moral das coletividades humanas, nada mais são do que processos diferenciados, segundo as necessidades circunstanciais e temporais da evolução, pelos quais as leis morais se manifestam no plano social.

Vejamos a explicação de Kardec, no comentário que fez ao item 617 de “*O Livro dos Espíritos*”: “*Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: essas são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da ciência. As outras concernem especialmente ao homem em si mesmo, e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo, tanto quanto as da vida da alma: essas são as leis morais.*” Dessa maneira, o Espiritismo nos oferece a visão global do Universo, num vasto sistema de relações, que unem todas as coisas, desde a matéria bruta até à divindade, ou seja, desde o plano material até o espiritual. As religiões, nesse amplo contexto, são como fragmentações temporárias do processo único da evolução humana.

“

Essa compreensão histórica permite ao Espiritismo encarar as religiões, não como adversárias, mas como formas progressivas do esclarecimento espiritual do homem, que atinge na atualidade um momento crítico, de passagem para um plano superior. Daí a afirmação de Kardec, feita em “O Livro dos Espíritos” e repetida em outras obras, particularmente em “O que é o Espiritismo”, de que este, na verdade, é o maior auxiliar das religiões. Auxiliar em que sentido? Primeiro, no sentido de fornecer às religiões, entrincheiradas em seus dogmas de fé, as armas racionais de que necessitam, para enfrentar o racionalismo materialista, e especialmente as armas experimentais, com que sustentar os seus princípios espirituais diante das ciências. Depois, no sentido de que o Espiritismo não é nem pretende ser uma religião social, pelo que não disputa um lugar entre as igrejas e as seitas, mas quer apenas ajudar as religiões a completarem a sua obra de espiritualização do mundo. A finalidade das religiões é arrancar o homem da animalidade e levá-lo à moralidade. O Espiritismo vem contribuir para que essa finalidade seja atingida.

”

Nisto se repete e se confirma o que o Cristo declarou, a propósito de sua própria missão, ao dizer que não vinha revogar a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento. Como desenvolvimento natural do Cristianismo, o Espiritismo prossegue nesse mesmo rumo. Sua finalidade não é combater, contrariar, negar, ou destruir as religiões, mas auxiliá-las. Para auxiliá-las, porém, não pode o Espiritismo endossar os seus erros, o seu apego aos formalismos religiosos, a sua aderência às circunstâncias. Porque tudo isso diminui e enfraquece as religiões, expondo-as ao perigo do fracasso, diante das próprias leis evolutivas, que impulsionam o homem para além das suas convenções circunstanciais.

O Espiritismo, assim, não condena as religiões. Considera que todas elas são boas — o que é sempre contestado com violência pelo espírito de sectarismo — mas pretende que, para continuarem boas, não estacionem nos estágios inferiores, já superados pela evolução humana.

Justamente por isso, o Espiritismo se apresenta, aos espíritos formalistas e sectários, como um adversário perigoso, que parece querer infiltrar-se nas estruturas religiosas e miná-las, para destruí-las. Era o que parecia o Cristianismo primitivo, para os judeus, gregos e romanos. Não obstante, os ensinamentos de Jesus não visavam à destruição, mas ao esclarecimento e à libertação do pensamento religioso da época. Podem alegar os religiosos atuais que os espíritas os combatem, às vezes com violência. O mesmo faziam os cristãos primitivos, em relação às religiões antigas. Mas essa atitude agressiva não decorre dos princípios doutrinários, e sim das circunstâncias sociais em que se encontram os inovadores, diante da tradição. Por outro lado, é preciso considerar que a agressividade das religiões para com o Espiritismo é uma constante histórica, determinada pela própria natureza social das religiões organizadas ou positivas. Nada mais compreensível que o revide dos espíritas, quando ainda não suficientemente integrados nos seus próprios princípios.

No capítulo segundo da terceira parte de “*O Livro dos Espíritos*”, item 653, temos a explicação e a justificação da existência das religiões formalistas. Kardec estuda, através de perguntas aos Espíritos, a lei de adoração, que é o fundamento e a razão de ser de todo o processo religioso. Desse diálogo resulta a posição espírita bem definida: “*A verdadeira adoração é a do coração.*” Não obstante, a adoração exterior, através do culto religioso, por mais complicado e material que este se apresente, desde que praticada com sinceridade, corresponde a uma necessidade evolutiva dos espíritos a ela afeiçoados. Negar a esses espíritos a possibilidade de praticarem a adoração exterior, seria tão prejudicial, quanto admitir que os espíritos que já superaram essa fase continuassem apegados a cultos materiais. A cada qual, segundo as suas condições evolutivas. O princípio da tolerância substitui, portanto, no Espiritismo, o sistema de intolerância que marca estranhamente a tradição religiosa. As religiões, pregando o amor, promoveram a discórdia. Ainda hoje podemos sentir a agressividade do chamado espírito-religioso, na intolerância fanática das condenações religiosas.

“

Por isso, Kardec, esclareceu, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que o princípio religioso da doutrina não era o de salvação pela fé, e nem mesmo pela verdade, mas pela caridade. A fé é sempre interpretada de maneira particular, como a dogmática de determinada igreja a apresenta. A verdade é sempre condicionada às interpretações sectárias. Mas a caridade, no seu mais amplo sentido, como a fórmula do amor ao próximo ensinada pelo Cristo, supera todas as limitações formais. A salvação espírita não está na adesão a princípios e sistemas, mas na prática do amor.

”

Fonte: Livro *O Espírito e O Tempo* (J. Herculano Pires) Fragmento do capítulo Cap. IV – *Religião em Espírito e Verdade*
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis

A proposta desta série psicológica encontra-se em plena consonância com os postulados básicos do Espiritismo - a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados - e com o pensamento do próprio Codificador, Allan Kardec, que estabeleceu em *A Gênese* que: “Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.” Recordemos que Kardec colocou no subtítulo da *Revista Espírita* o termo *Jornal de Estudos Psicológicos*, dando a entender a importância de estudar-se a alma como um todo, e não em partes.

Silêncio Para Ouvir Deus

Em todos os tempos, os emissários de Deus recomendaram o silêncio profundo, a fim de que se possa ouvir-Lhe a voz e senti-LO mais intimamente.

Os ruídos e tumultos desviam o pensamento que se deve fixar no elevado objetivo de comunhão com a Divindade, para poder-se haurir energias vitalizadoras capazes de sustentar o Espírito nos embates inevitáveis do processo de evolução.

Quando se mergulha no mundo íntimo, encontram-se as mensagens sublimes da sabedoria, aquelas que constituem o alimento básico de sustentação da vida e, sem as quais, os objetivos essenciais da existência cedem lugar aos prazeres trêfegos e enganosos.

Os distúrbios externos, produzidos pela balbúrdia, desviam a mente para os tormentos exteriores, que tornam a marcha física insuportável, quando se constata a fragilidade das suas construções emocionais.

Em tentativa de atender a todas as excentricidades do vozerio do mundo, a mente desloca-se da meta essencial e perde o foco que lhe constitui o objetivo fundamental.

Quando o Espírito se encontra atordoado pela balbúrdia, o discernimento faz-se confuso e os componentes mentais e emocionais deslocam-se da atenção que deve ser concedida ao essencial, em benefício das aquisições secundárias, sempre incapazes de acalmar o coração.

Algumas vezes, alcança-se o topo do triunfo, meta muito buscada, a fama ligeira, a posição de destaque no grupo social, o riso bajulador e mentiroso, sob o pesado tributo dos conflitos internos que permanecem vorazes e desconhecidos, sempre em agitação.

Deus necessita do silêncio humano, a fim de fazer-se ouvido por quem deseje manter contato com a Sua Paternidade.

A Sua mensagem sempre tem sido transmitida após a transposição dos abismos externos e dos tumultos das paixões desbarvoradas, permanecendo no ar, aguardando ser captada.

No imenso silêncio do monte Sinai, a Sua voz transmitiu a Moisés as regras de ouro do Decálogo, mas não deixou de prosseguir enviando novas instruções para a conquista da harmonia, da plenitude.

Na antiguidade oriental, a Sua palavra fazia-se ouvir através dos sensitivos de vária denominação, conclamando à paz, à vitória sobre os impositivos exteriores predominantes no ser.

Nas furnas e nas cavernas, nas paisagens ermas desvelava-se, oferecendo o conhecimento da verdade que deveria ser assimilado, lentamente, através dos tempos.

Mesmo Jesus, após atender as multidões que se sucediam esfaimadas de pão, de paz, de luz, buscava o refúgio da solidão para, em silêncio, poder ouvi-LO no santuário íntimo.

Robustecido pelas poderosas energias da comunhão com o Pai, volvia ao tumulto e desespero das massas insaciáveis, a fim de diminuir-lhes as dores e a loucura que tomava conta do imenso rebanho.

Simultaneamente, porém, proclamou que o Reino dos Céus encontra-se no coração, no íntimo do ser.

Nestes dias agitados, faz-se necessário que se busque o silêncio para renovar-se as paisagens íntimas e ouvi-LO atentamente, pacificando-se.

À semelhança das ondas que permitem a comunicação terrestre, imprescindível que haja conexão para serem captadas. Estão carregadas de mensagens de todo jaez, mas, sem a sintonia apropriada, nada transmitem, parecendo não existir.

Habitua-te ao silêncio que faz muito bem.

Não temas a viagem interior, o encontro contigo mesmo, nas regiões profundas dos arcanos espirituais.

Necessitas ouvir-te para bem te conheceres e traçares os caminhos por onde deverás seguir com segurança e otimismo.

Observarás que és um enigma para ti mesmo, que te encontras oculto sob sucessivas camadas de disfarces que te impedem apresentar a autenticidade.

De essência divina, possuis o conhecimento e és dotado de sabedoria que aguardam o momento de desvelar-se.

Reflexiona, portanto, quanto possas, a fim de libertar-te das algemas que te escravizam à aparência, sem conceder-te o conforto do autoaprimoramento.

A multiplicidade das vozes que gritam em torno de ti, impedem-te a conscientização dos valores que dignificam a existência.

Quando te habitues ao silêncio, sentir-te-ás luarizado pelas claridades sublimes do amor de Deus e ser-te-á muito fácil a travessia pelas estradas perigosas dos relacionamentos humanos.

Compreenderás que a paz defluente da autoconquista, nada consegue abalar.

Com segurança e serenidade agirás em qualquer circunstância, feliz ou tormentosa, sem desespero, com admirável harmonia.

Torna o silêncio uma necessidade terapêutica, abençoando-te a jornada, ao mesmo tempo em que te propicia alegria de viver.

Desfrutarás de contínua alegria, sem galhofas nem vulgaridades, em situação de bem-estar natural.

São Francisco de Assis buscava o acume dos montes e as cavernas para, em silêncio, ouvir Deus.

Mas, não somente ele.

A exaustão que te toma o corpo e a mente, o vazio existencial que te visita com frequência, a apatia que te surpreende, a ansiedade que te aturde, são frutos espúrios da turbulência que te atinge.

Busca o silêncio e alcança-o.

Acalma-te e isola-te da multidão, uma e outra vez, e viaja calmamente no rumo do ser que és, e descobrirás tesouros imprevisíveis aguardando-te no interior.

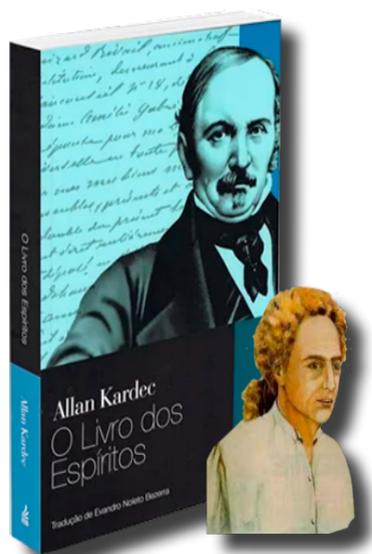
Criado o hábito de incursionar, banhar-te-ás nas claridades refulgentes da palavra de Deus falando-te ao coração.

Não postergues a luminosa experiência, iniciando-a quanto antes.

Joanna de Ângelis

Fonte: *Psicografia de Divaldo Pereira Franco*, na sessão mediúnica da noite de 9 de fevereiro de 2015, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



O Livro dos Espíritos Sob a Ótica Filosófica de Miramez

“O Livro dos Espíritos é um sinal das leis universais. Quem nele estuda, meditando em seus ensinamentos, e com a ajuda de outros livros que lhe dão sequência, passa a compreender que os sinais são frases e que as frases são forças indicativas para a libertação da alma.

A coleção *Filosofia Espírita* é um pequeno curso para despertar no estudante valores morais e espirituais. Ele pode abrir caminhos para que a caridade se solidifique nos corações dos leitores, ampliando o saber em seqüência admiráveis.” – Miramez.

» O Livro dos Espíritos » Parte Quarta

» Das Esperanças e Consolações

» Capítulo II - Das Penas e Gozos Futuros

» Penas Temporais

983. Não experimenta sofrimentos materiais o Espírito que expia suas faltas em nova existência? Será então exato dizer-se que, depois da morte, só há para a alma sofrimentos morais?

“É bem verdade que, quando a alma está reencarnada, as tribulações da vida são-lhe um sofrimento; mas só o corpo sofre materialmente.

“Falando de alguém que morreu, costumais dizer que não mais sofrerá. Nem sempre isto exprime a realidade. Como Espírito, está isento de dores físicas; dependendo, porém, das faltas que tenha cometido, pode estar sujeito a dores morais mais agudas, e pode vir a ser ainda mais desgraçado em nova existência. O mau rico terá que pedir esmola e se verá a braços com todas as privações oriundas da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza os seus subordinados se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele o foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outra existência, quando não a consequência das da vida atual. Logo que daqui houverdes saído, compreendê-lo-eis. (273, 393 e 399.)

“O homem que se considera feliz na Terra porque pode satisfazer às suas paixões é o que menos esforços emprega para se melhorar. Muitas vezes começa a expiação desses prazeres efêmeros já nessa mesma vida, mas certamente os expiará noutra existência tão material quanto aquela.”

Comentários de Miramez

Cap. 14 - Sofrimentos Materiais

Conforme o estado do Espírito, a dor toma dimensões diferentes, como no caso dos sofrimentos do Espírito encarnado, quando mesmo os sofrimentos morais costumam refletir no físico e fazerem a alma sofrer mais. São dois aspectos da dor, ao passo que o Espírito desencarnado, não tendo o corpo físico, sofre as dores morais. No entanto, o corpo mais imediato da alma, que a Doutrina dos Espíritos chama de perispírito, sofre as conseqüências da mente em desarmonia.

Convém estudar sempre as causas e os efeitos de todos esses infortúnios, para que possamos chegar à realidade da vida do Espírito. Sempre ouvimos os encarnados, ao falarem de alguém que morreu, dizerem que parou de sofrer. Como se enganam! Em muitos casos, o sofrimento acompanha a alma depois do túmulo, pois ele foi gerado na sua conduta.

A carne nada tem a ver com os desequilíbrios do Espírito, que passa por todos esses caminhos aprendendo e ensinando, recolhendo experiências de todos os matizes para o celeiro da sua vida. Como Espírito, ele não está sujeito às dores físicas, no entanto, as dores morais o acompanham aonde quer que esteja, até que a mente se ajuste ao equilíbrio, com as leis naturais, criadas por Deus.

O que "O Livro dos Espíritos" chama de penas temporais, é certificando que a alma não sofre eternamente, o que seria um absurdo, se Deus o permitisse. Quando a alma pejar as lições que os sofrimentos transmitem, cessará a sua fonte por não mais precisar deste estímulo para o despertar dos valores. Quem se dispuser a aprender com Jesus tem por vezes a mesma sorte encontrando duros testemunhos, dentro e fora do próprio lar. Anotemos o que Marcos anotou no seu Evangelho:

Também os que com ele foram crucificados o insultavam. (Marcos, 1 5:32)

Vejamos que o Mestre recebeu insulto até por parte dos que com Ele foram crucificados, quando para eles deveria ser uma honra estarem junto a Ele. Como iremos nós outros passar ilesos pelos processos de despertar espiritual? Jesus não tinha necessidades individuais de passar pelas agressões do mundo; tudo que Ele sofreu foi para exemplo e estímulo à nossa coragem.

Não existe ascensão sem esforço, e quando esquecemos a nossa parte; surge a dor mais acentuada, no sentido de nos erguer para o alto, nos fazendo sentir a vida, dentro da vida de Deus.

Procura estabilizar teus sentimentos. Se tens comandados sob tua direção, lembra-te do bom senso e de que todos são irmãos, filhos do mesmo Pai de Amor, para que em outra oportunidade, não venhas a sofrer o mesmo que submetes aos teus subordinados. Se abusas da tua autoridade no presente, estás lançando sementes de perseguições ao solo das mentes e que deverão, pela lei, crescer. É a colheita não pode ser de outra pessoa, a não ser do semeador. Confere a Tua vida todos os dias e corta as arestas do mal que descobrires antes que elas cresçam e possam te ferir, do mesmo modo que feres. Não

desprezes a ninguém, nem maltrates os companheiros em caminho. Avança com Jesus, superando todos os obstáculos, porque em muitos casos, quando vencidos os problemas exteriores, te aparecerão os internos pedindo solução, na tua casa, e depois dentro de ti prepara-te para essas lutas e que Deus te abençoe.

Todas as penas e expiações pelas quais estejas passando são necessárias para o teu futuro. Podem ser resgate do passado, ou processos de despertar da alma, aqueles valores que se encontram em estado de sono, do qual deves acordar. O homem que se considera feliz por estar alimentando as paixões inferiores verdadeiramente é um infeliz diante da vida e do seu futuro espiritual, mas a espiritualidade não esmorece com ele, porque sabe que no amanhã mudará de idéia pela sua maturidade, que o tempo encarrega de promover.

984. As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?

“Não; já dissemos: são provas impostas por Deus, ou que vós mesmos escolhestes como Espíritos, antes de encarnardes, para expiação das faltas cometidas em outra existência, porque jamais fica impune a infração das leis de Deus e, sobretudo, da lei de justiça. Se não for punida nesta existência, sê-lo-á necessariamente noutra. Eis por que um, que vos parece justo, muitas vezes sofre. É a punição do seu passado.” (393.)

Comentários de Miramez Cap. 15 - As Vicissitudes da Vida

Devemos comensurar nossas disposições sobre as leis de Deus, que não obedecem a uma linha reta, da maneira que os homens possam deduzir. Poderemos analisá-las em vários ângulos que a sabedoria nos mostra.

Os sofrimentos humanos nem sempre foram escolhidos pelos Espíritos no momento do retorno à carne. Em muitos casos, foram impostos por Deus, quer dizer, por processos espirituais de despertar dos dons, com que o Senhor mesmo dotou o ser humano para a felicidade da própria criatura.

Em muitos casos, são provas e expiações, no entanto não se pode generalizar esse assunto, na pauta da vida humana e espiritual. É de bom senso que busquemos mais além, para uma compreensão mais elevada da alma e sobre a alma. Nem todos os sofrimentos estão ligados a faltas, como no caso dos animais, que muitas vezes, sofrem, nascendo por vezes aleijados, ou enfrentando sofrimento de toda ordem. Assim as plantas, e outros seres que sofrem, em comparação aos homens, muito mais, por não terem leis apropriadas para defendê-los. Eis porque falamos que nem sempre os sofrimentos são resgates do passado, e sim, também, meios que Deus criou para o despertar da alma, a ingressar nos valores imortais da vida.

É neste sentido que encontramos dentro de nós, do homem mais primitivo do que espiritual, do Espírito ainda necessitado de se elevar, as tendências para o ódio, a inveja, o ciúme, a discórdia, a violência, as injúrias etc. Estes são os nossos inimigos que nos assediam constantemente, e é nesta luta que alcançaremos a verdadeira paz de coração e estabilidade de consciência. Lembremo-nos da advertência do Mestre:

Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa. (Mateus, 10:36)

É a casa interna de cada um. Quando combatemos os inimigos externos, surgem esses que são muito mais difíceis de serem vencidos, por já dominarem o campo de ação. Essas são as vicissitudes da vida, mas que a alma deve enfrentar com coragem, usando as armas que Jesus ensinou e lutar com o amor, o perdão, o trabalho honesto e a persistência no bem, até o fim, vencendo a si mesmo, porque dessa maneira vencemos o mundo e glorificamos ao Senhor dentro de nós, visto ser Ele o comando central dos nossos destinos de vida.

Se temos um passado para ser limpo, armemo-nos de coragem, de modo que possamos vencer todos os infortúnios, abrindo o coração para a luz de Deus, pelas mãos do Cristo. O passado passou, e os nossos olhos devem estar fitando o porvir, com coragem e decisão.

A Doutrina dos Espíritos é urna filosofia de vida, de modo a nos ajudar a viver melhor. Estuda-a com atenção que serás agraciado pelos conhecimentos envolvidos na verdade, na têmpera do amor mais puro. É Jesus, que nunca esquece Seu rebanho, de volta.

985. Constitui recompensa a reencarnação da alma em um mundo menos grosseiro?

“É a consequência de sua depuração, porquanto à medida que se depuram, os Espíritos passam a encarnar em mundos cada vez mais perfeitos, até que se tenham despojado totalmente da matéria e lavado de todas as impurezas, para eternamente gozarem da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus.”

Nos mundos onde a existência é menos material do que neste, menos grosseiras são as necessidades e menos agudos os sofrimentos físicos. Lá os homens não mais conhecem as paixões más que, nos mundos inferiores, os fazem inimigos uns dos outros. Nenhum motivo tendo de ódio, ou de ciúme, vivem em paz, porque praticam a lei de justiça, amor e caridade. Não conhecem os aborrecimentos e cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo, causas do tormento da nossa existência terrestre. (172–182.)

Comentários de Miramez Cap. 16 - Mundos Superiores

A alma, com a sua elevação espiritual, pode ganhar como prêmio pelos seus ingentes esforços rumo à perfeição, reencarnando em mundos superiores, onde somente existe o amor, onde todo o mal já foi banido e as almas ali estagiadas têm como lembranças raramente o passado do seu começo de lutas nas engrenagens da Terra, revestidas de um corpo de carne.

São mundos venturosos, no entanto, Espíritos de alta estirpe espiritual podem renascer na Terra para ajudar aos que nela estão com grandes provas e expiações, sem se afetarem com essas inferioridades. Eles estão na qualidade de luzes que brilham nas trevas dos que padecem à ignorância. São muitos e muitos os que negligenciaram dos ensinamentos de Jesus e sofrem as conseqüências do seu esquecimento; aí, vem a dor para acordá-los, fazendo lembrar da luz que deverão acender dentro de si, para despertar as condições espirituais no coração.

Quando, porém, essa luz começa a acender, vêm de encontro ao estudante da verdade os escarnecedores, os inimigos da luz, que aparecerão com todos os tipos de perseguições para desviá-lo da verdade. O Evangelho nos mostra o que vamos passar nas lutas de aprimoramento espiritual:

Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiram nele e, pondo-se de joelhos, o adoraram. (Marcos, 15:19)

Esse é o exemplo que o divino Mestre deixou para nós outros que desejamos segui-Lo. Os escarnecedores estão sempre nos caminhos do homem que deseja e se esforça para encontrar o Cristo no coração.

Os Espíritos que persistirem até o fim, no dizer do Evangelho, e que tenham essa persistência no amor e na verdade, ascenderão para mundos superiores, de sorte a encontrarem o ambiente da paz que já trazem interiormente. Todavia, essa tranqüilidade imperturbável de consciência tem um preço, que o mundo sabe cobrar.

O nosso futuro não é outro, senão encontrarmos a felicidade que faz raízes na eternidade de Deus. Depois de felizes as almas puras, elas terão o prazer de trabalhar para ajudar o despertar daqueles que ignoram esses mundos felizes. Os caminhos de todos não seguem outro roteiro; por isso que Jesus, cheio de esperança, espera que renovemos a nós mesmos, usando dos nossos poderes na conquista que os outros já atingiram e que agora são livres por terem conhecido a verdade.

Existem mundos que, por assim dizer, escapam à matéria; ela se transforma em essência divina, e a vida depurada das almas passa a ser no seio de Deus, conscientes ou superconscientes da luz do Criador. As deduções humanas não conseguem analisar, nem a literatura da Terra expressar essa felicidade.

Nos mundos superiores, os Espíritos esqueceram as paixões; lá não existe ciúme, nem ódio; tudo é de todos, de modo que a felicidade é gozo de todas as criaturas. Mas, eles se lembram dos sofredores dos mundos inferiores e de vez em quando chegam a eles, doando paz e estímulo para a vida nas dimensões que possam assimilar. São doadores de vida, são Espíritos que já passaram por todos os testes de comprovação, alcançando a luz por justiça. Eles têm livre penetração em outros mundos mais além e deles recolhem experiências que lhes dão mais conforto ao coração. Anima-nos a certeza de que todos temos esse destino dentro da casa de Deus.

Fonte: O Livro dos Espíritos e Filosofia Espírita Vol XX

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais

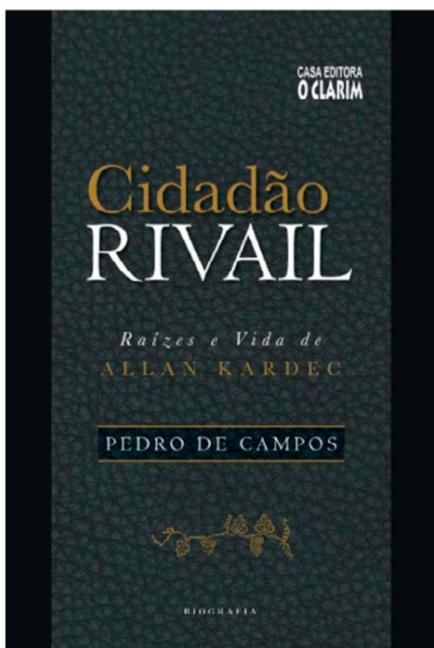


Dicas de Leitura

O Espiritismo está fundamentado na razão (no raciocínio), na lógica, no equilíbrio e no bom senso, sobretudo na razão, de tal modo que a leitura e, de preferência, a leitura constante, intensa, constitui grande contributo ao seu entendimento, à sua boa compreensão.

Cidadão Rivail - Raízes e Vida de Allan Kardec

Fruto de extensa, meticulosa e demorada escavação, "Cidadão Rivail - raízes e vida de Allan Kardec" traz importantes descobertas historiográficas sobre o ilustre professor francês Rivail, que se tornaria codificador do Espiritismo, a maior missão de educação de sua vida. Contendo mais de duas centenas de documentos, novas iconografias e mais de mil fontes consultadas, o biografado foi detidamente perquirido desde as suas raízes, quando sua família começou a viver o drama da Revolução Francesa e passou pelo Regime de Terror, participando das ações políticas e militares da época. A narrativa contempla sua infância, seus estudos iniciais em Bourg-en-Bresse, na França e, depois, em Yverdon, na Suíça, onde teve sua formação. Examina os locais onde morou, trata de suas importantes contribuições ao ensino na França, da participação em empresas e em várias academias culturais. Exibe o desenrolar completo de sua vida profissional, incluindo as iniciativas empresariais nos vários ramos de negócios até iniciar pesquisas sobre as mesas girantes, então uma novidade na Europa, e as intrigantes manifestações de Espíritos, feitos incomuns cujos estudos o levaram a maior conhecedor mundial do assunto, já sob o alônimo Allan Kardec. Sua existência, realizações e anseios são examinados nesta obra, uma narrativa equilibrada, racional e cheia de novidades que se avolumaram nos últimos anos.



Encomende seu exemplar em nossa livraria: https://bit.ly/whatsapp_geedem 

Para Reflexão...

Conflitos Doutrinários

Kardec disse: **“As questões de fundo devem passar à frente das questões de forma.”**

É imprescindível o direito de exame e de crítica e o Espiritismo não alimenta a pretensão de subtrair-se ao exame e à crítica, como não tem a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa. (Allan Kardec. “Obras Póstumas”, 1ª Parte. Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo).



Não são poucos os conflitos envolvendo o problema das interpretações sobre aspectos doutrinários. Sabemos que o Espiritismo não foi ditado completo, nem imposto à crença cega. Cabe ao ser humano a observação dos fatos, o trabalho de estudar, comentar e comparar a fim de tirar suas próprias ilações e aplicações. No entanto, um dos primeiros problemas que se apresenta é o das interpretações dos textos da Codificação. Mas o que é interpretar?

A rigor, podemos definir dois sentidos para o ato de interpretar um texto: a) a interpretação como desvelamento do seu sentido original; e, b) a interpretação como construção de significados pessoais.

O primeiro consiste na ideia de que interpretar é buscar o sentido atribuído ao texto pelo próprio autor. Desta forma, a boa interpretação seria aquela que busca descobrir o que o autor (ou autores, no caso dos Espíritos) queria dizer quando escreveu sobre determinado assunto. É o esforço em buscar o seu sentido original.

No segundo caso, busca-se admitir que quem dá o significado para o texto é quem o lê, e não quem o escreveu. Nesse caso, toda interpretação termina sendo um processo essencialmente subjetivo, muito vinculado ao que os gregos chamavam de “doxologia”, ou seja, a livre opinião. E toda interpretação, em tese, poderia ser aceita.

Entretanto, ao estudarmos os livros da Doutrina Espírita, será que toda e qualquer interpretação será válida? Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns”, quando trata dos Sistemas, analisando os fenômenos mediúnicos que originaram o Espiritismo, assim se pronunciou: **“Quando foram averiguados por testemunhos irrecusáveis e através de experiências que todos puderam fazer, aconteceu que cada qual os interpretou a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças e seus preconceitos. Daí, o aparecimento dos numerosos sistemas que uma observação mais atenta deveria reduzir ao seu justo valor”** (Cap. 4, item 36).

Quando cada um interpreta do seu modo, como observou Kardec, abrem-se brechas para as ideias pessoais prevalecerem sobre o conteúdo original das obras. Isso representa sempre uma temeridade, pois abre espaço para que os interesses individuais se destaquem. **Surgem então erros de interpretação, ideias que agregam ao Espiritismo elementos de outras doutrinas espiritualistas, descaracterizando o seu ensino e sua prática.**

Já em sua época, Kardec se preocupava com o que seria publicado em termos de Espiritismo. Mais ainda, quando se tratava de livros mediúnicos. Os critérios utilizados por ele, para analisar esses textos, eram bastante rígidos. Não é demais lembrarmos que aceitar tudo o que venha dos espíritos, ou de qualquer outra fonte, sem o devido exame e cautela, é enveredar por um caminho perigoso e cheio de armadilhas. Analisando as chamadas comunicações apócrifas, o Codificador assim se expressou:

“De fato, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o pálio de um grande nome, é que anima os Espíritos embusteiros. A lhes frustrar os embustes é que todos devem consagrar a máxima atenção; mas, a tanto ninguém pode chegar, senão com a ajuda da experiência adquirida por meio de um estudo sério. Daí o repetirmos incessantemente: Estudai, antes de praticardes, porquanto é esse o único meio de não adquirirdes experiência à vossa própria custa” (Allan Kardec. “O Livro dos Médiuns”. Cap. 31, Comunicações apócrifas, XXXIII).

Kardec enfatiza o estudo como forma de discernimento do que o Espiritismo aceita e daquilo que ele se distancia. Assim, o conhecimento das Obras Fundamentais, nunca será demais salientar, representa base segura para o entendimento da Doutrina. Todavia, mesmo assim é necessário ter cautela com as interpretações, muitas vezes apressadas, que se faz também sobre elas.

Flagrante a imperiosa necessidade de administrarmos conflitos e divergências com moderação e fraternidade. Na defesa de determinada tese, deverá se destacar a dialética das ideias, dos argumentos e dos fundamentos. Muitos conflitos se prolongam em torno de assuntos vazios e estéreis, simplesmente, para destacar o ego dos debatedores.

Allan Kardec teve a grandeza intelectual de jamais “fechar” o pensamento espírita em torno de uma “verdade única” e dogmática. O caráter intrínseco do discurso filosófico é a liberdade de pensamento, aberto à reflexão e ao progresso das ideias. Todavia, o Espiritismo não traduz uma simples reflexão intelectual para criar sentidos ou significados, ao contrário, é um saber que se justifica com base nos fatos. Ao analisar o conjunto de sua obra, veremos que Kardec não partiu da “crença”, mas da sólida pesquisa científica, no campo da mediunidade, para, num segundo momento, enveredar pelos caminhos da interpretação dos fatos, com base no crivo da razão.

Um estudo atento de “O Livro dos Espíritos” evidencia a busca constante de Kardec, por explicações plausíveis, que possam atender à coerência e ao bom senso. Ele interroga os espíritos com firmeza, cercado de boa argumentação, mas – ao mesmo tempo – buscando libertar-se de preconceitos e atavismos culturais de sua época.

Há, naturalmente, uma “busca incessante” de conhecimentos e reflexões, iniciadas em “O livro dos Espíritos” e que, evidentemente, não para com ele, nem mesmo o esgota em todo o seu potencial doutrinário. Isso oferece, ao conjunto das Obras Fundamentais, um dinamismo inesgotável, uma vez que a experiência da evolução espiritual vai oportunizando ao ser humano uma ampliação de seus horizontes intelectuais.

Interpretar não significa modificar os fundamentos da Doutrina Espírita. Na verdade, a interpretação é um esforço da inteligência por “encontrar um sentido escondido”, que não está, necessariamente, claro. Ora, em nossa condição de espíritos em evolução, não podemos depreender que já esteja tudo resolvido, em termos de entendimento sobre a vida e seus mecanismos. Logo, a capacidade de interpretação é inerente ao ser humano. Deveremos usá-la de forma responsável, coerente e compromissada, em primeiro lugar, com a própria Doutrina.

Essa relação dialética se processa também, no diálogo crítico do leitor com a obra. Mas é preciso que esse diálogo se distancie das leituras simplistas, onde, muitas vezes, se busca afirmar o conteúdo doutrinário através de posturas acríticas, influenciadas pela teologia tradicional. Através de sua metodologia, Kardec nos ensinou a dialogar com a fonte das informações sem, no entanto, perder o viés dos sentimentos. A racionalidade empregada aos estudos deve servir para que os seus conteúdos nos levem a um encantamento pela vida.

O dever dos verdadeiros espíritas, dos que compreendem o fim providencial da Doutrina é, antes de tudo, fazer prevalecer pelo exemplo o sentimento de fraternidade que é uma das bases de seus ensinamentos. Nas discussões doutrinárias quando se perde esse norte, não é de se admirar predominarem as paixões e o orgulho. Surgem práticas, daí decorrentes, que se distanciam dos postulados kardecianos, provocando inúmeros dilemas no Movimento Espírita.

“As questões de fundo devem passar à frente das questões de forma. Ora, as questões de fundo são as que têm por objetivo tornar melhores os homens, considerando-se que todo progresso social ou outro não pode ser senão consequência do melhoramento das massas; é para isso que tende o Espiritismo e por aí prepara os caminhos a todos os gêneros de progressos morais. Querer agir de outra forma é começar o edifício pela cumeeira, ante de lhe assentar os alicerces; é semear em terreno que não foi arroteado” (Allan Kardec. “Revista Espírita”, Março de 1863. Sobre a decisão tomada pela Sociedade Espírita de Paris a respeito da questão religiosa).

O próprio Kardec advertiu o Movimento Espírita sobre as questões de “fundo” e as questões de “forma”:

Por isso, no mesmo texto da “Revista Espírita”, de março de 1863, desaprovava toda e qualquer publicação própria a falsear a opinião sobre o fim e as tendências do Espiritismo.

Os conhecimentos bem alicerçados são aqueles que se mantêm ao longo do tempo. As questões de forma passam, as de fundo permanecem. É relevante não se abandonar a simplicidade e a profundidade do horizonte doutrinário, consubstanciado nas Obras Fundamentais.

Diante dos conflitos doutrinários, no entanto, jamais abdicar de uma postura de respeito com aqueles que pensam diferentemente. Torna-se imperativo que essas divergências se mantenham no plano das ideias, jamais transitando para o campo pessoal. O espaço dos argumentos é um espaço privilegiado para o embate do pensamento, podendo se tornar rico no aprofundamento das ideias.

Quando os argumentos já não mais se ajustarem, quando nenhum acordo sob os aspectos divergentes for passível de manutenção, o diálogo e o bom senso não mais vigorar, então é comum que ocorra um afastamento, posto que cada um possui liberdade de agir e pensar. Aqueles que seguirem por outra direção, afastando-se do contexto doutrinário do Espiritismo, quer assumidamente ou não, devem ser respeitados em suas deliberações pessoais.

Muitos desejam, ingênua ou orgulhosamente, reformular o Espiritismo, esquecendo-se que sua fonte não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É, como disse Kardec, resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do planeta e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção, são deduzidos da experimentação, que precedeu à formulação da teoria.

O estudo das obras de Kardec, contudo, representa a construção do alicerce fundamental para o efetivo conhecimento espírita. A maior parte dos conflitos doutrinários deve-se ao frágil conhecimento sobre esses textos. Logo, os melhores resultados como aludiu Kardec, em sua “Viagem Espírita de 1862”, poderão ser atingidos com os investimentos nos grupos de estudos.

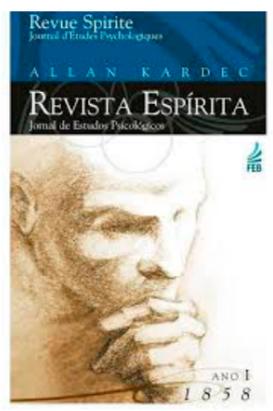
Finalizamos com Kardec:

“Há algum tempo constituíram-se alguns grupos, de especial caráter, e cuja multiplicação entusiasticamente desejamos encorajar. São os denominados grupos de ensino. Neles ocupam-se pouco ou nada das manifestações. Toda a atenção se volta para a leitura e explicação de ‘O livro dos Espíritos’, ‘O livro dos Médiuns’, e de artigos da ‘Revista Espírita’. (...) Aplaudimos de todo o coração essa iniciativa que, esperamos, terá imitadores e não poderá, em se desenvolvendo, deixar de produzir os melhores resultados” (Allan Kardec – “Viagem Espírita de 1862”).

Jerri Almeida

Fonte: se-novaera.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Instruindo-se com Revista Espírita

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

Constituição Transitória do Espiritismo

III Dos Cismas

Uma questão que se apresenta logo de saída ao pensamento é a dos cismas que poderão nascer no seio da Doutrina. O Espiritismo deles será preservado?

Certamente não, porque ele terá, sobretudo no começo, que lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, demoradas para se ligarem às ideias de outrem, e contra a ambição daqueles que, a despeito de tudo, querem ligar seu nome a uma inovação qualquer; que criam novidades unicamente para poder dizer que não pensam e não fazem como os outros; ou porque o seu amor-próprio sofre por só ocuparem um lugar secundário; ou, enfim, que veem com despeito um outro fazer o que não fizeram e, além disso, triunfar. Mas como lhes temos dito centenas de vezes: “Quem vos barra o caminho? Quem vos impede de trabalhar pelo vosso lado? Quem vos proíbe de publicar as vossas obras? A publicidade vos está aberta como a todo mundo; dai qualquer coisa de melhor do que o que aí está, pois ninguém a isto se opõe; sede mais apreciados pelo público, e ele vos dará a preferência.”

Se o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais sempre é preciso contar, pode paralisar as suas conseqüências, e é o essencial.

É evidente que os numerosos sistemas divergentes que surgiram na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicar os fatos, desapareceram à medida que a Doutrina se completava pela observação e por uma teoria racional; é difícil que hoje esses primeiros sistemas ainda encontrem alguns raros partidários.

Aí está um fato notório, do qual se pode concluir que as últimas divergências apagar-se-ão com a completa elucidação de todas as partes da Doutrina; mas haverá sempre os dissidentes de ideias preconcebidas, interesseiros, por uma causa ou por outra, em constituir grupo à parte. É contra sua pretensão que é necessário premunir-se.

Para assegurar a unidade no futuro, uma condição indispensável é que todas as partes do conjunto da Doutrina estejam determinadas com precisão e clareza, sem nada deixar no vazio; para isto procedemos de maneira que os nossos escritos não deixassem espaço para nenhuma interpretação contraditória, e nos esforçaremos para que seja sempre assim. Quando ele tiver dito claramente e sem ambiguidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que dissemos que dois e dois são cinco. Poderão, pois, ao lado da Doutrina, formar-se seitas que não lhe adotem os princípios, ou todos os princípios, mas por força da interpretação do texto, como se formaram, tão numerosas, sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. Aí está um primeiro ponto, de uma importância capital.

O segundo ponto é não sair do círculo das ideias práticas. Se é certo que a utopia de ontem muitas vezes é a verdade de amanhã, deixemos ao amanhã o trabalho de realizar a utopia de ontem, mas não embarcemos a Doutrina com princípios que seriam considerados como quimeras e que fariam que os homens positivos a rejeitassem.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Porque ela não se embala em sonhos irrealizáveis para o presente, não se segue que no presente ela se imobilize. Exclusivamente apoiada nas leis da Natureza, ela não pode variar mais que essas leis, mas se uma nova lei for descoberta, deve a ela ligar-se; ela não deve fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se; assimilando todas as ideias reconhecidas como justas, sejam de que ordem forem, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, e aí está uma das principais garantias de sua perpetuidade.

Se, pois, uma seita se forma ao seu lado, baseada ou não nos princípios do Espiritismo, acontecerá de duas uma: ou essa seita estará com a verdade, ou não estará; se não estiver, cairá por si mesma, sob o ascendente da razão e do senso comum, como tantas outras já caíram ao longo dos séculos; se as ideias forem justas, ainda que só sobre um ponto, a Doutrina, que procura o bem e a verdade em toda parte em que se encontrem, as assimilará, de sorte que em vez de ser absorvida, será ela que absorverá.

Se alguns de seus membros vierem a se separar dela, é que eles acreditarão que podem fazer melhor, e se realmente fizerem melhor, ela os imitará; se fizerem maior bem, ela se esforçará por fazer outro tanto ou mais, se possível; se fizerem mais mal, ela os deixará fazer, certa de que, mais cedo ou mais tarde, o bem triunfará sobre o mal e o verdadeiro sobre o falso. Eis a única luta que ela travará.

Acrescentemos que a tolerância, consequência da caridade, que é a base da moral espírita, lhe determina respeitar todas as crenças. Querendo ser aceita livremente, por convicção e não por constrangimento, proclamando a liberdade de consciência como um direito natural imprescritível, diz ela: Se eu tiver razão, os outros acabarão pensando como eu; se eu estiver errada, acabarei por pensar como os outros. Em virtude destes princípios, não jogando pedra em ninguém, ela não dará qualquer pretexto a represálias, e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade de suas palavras e atos.

O programa da Doutrina, portanto, não será invariável senão nos princípios que passaram ao estado de verdades constatadas; quanto aos outros, ela não os admitirá, como sempre fez, senão a título de hipóteses, até a confirmação. Se lhe for demonstrado que está errada num ponto, ela se modificará nesse ponto.

A verdade absoluta é eterna, e por isto mesmo invariável; mas quem se pode gabar de possuí-la toda inteira? No estado de imperfeição dos nossos conhecimentos, o que hoje nos parece falso, amanhã pode ser reconhecido como verdadeiro, por força da descoberta de novas leis; é assim que as coisas acontecem tanto na ordem moral como na ordem física. É contra esta eventualidade que a Doutrina jamais deve achar-se desprevenida. O princípio progressivo, que ela inscreve no seu código, será, como dissemos, a salvaguarda de sua perpetuidade, e sua unidade será mantida precisamente porque não repousa sobre o princípio da imobilidade. A imobilidade, em vez de ser uma força, torna-se a causa de fraqueza e de ruína para quem não segue o movimento geral. Ela rompe a unidade, porque aqueles que querem avançar se separam dos que se obstinam em ficar para trás. Mas, acompanhando o movimento progressivo, é preciso fazê-lo com prudência e guardar-se de baixar a cabeça aos sonhos das utopias e dos sistemas. É preciso fazê-lo a tempo, nem muito cedo nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

Compreende-se que uma doutrina assente em tais bases deve ser realmente forte; ela desafia toda concorrência e neutraliza as pretensões de seus competidores. É para este ponto que os nossos esforços tendem a conduzir a Doutrina Espírita.

Ademais, a experiência já justificou esta previsão. Tendo a Doutrina trilhado este caminho desde a sua origem, ela avançou constantemente, mas sem precipitação, observando sempre se o terreno onde põe os pés é sólido, e medindo os passos pelo estado da opinião. Ela fez como o navegador que não avança senão com a sonda na mão e consultando os ventos.

Fonte: *Revista Espírita 1868* » Dezembro

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Para ler as edições anteriores do IDEM, acesse o link abaixo:

<https://www.geedem.org.br/edicoes-anteriores>



Você Sabe Quem Foi?

Quem é este homem?

A data do Seu nascimento é incerta na pesquisa histórica dos investigadores da Sua existência, dos Seus atos e dos Seus ensinamentos.

Mas isso não é importante porque os fatos e dados narrados podem ainda hoje ser encontrados pelos caminhos que percorreu.

Todos quantos O viram foram dominados pela grandeza moral que exteriorizava e jamais O esqueceriam.

Manso e gentil, esteve sempre no foco das perturbações e dos choques de opinião.

Os Seus silêncios eram grandiosos como poucas sinfonias no conjunto da Sua poesia harmônica.

Viveu entre aqueles que eram considerados réprobos e se manteve sempre nobre sem os humilhar.

Conviveu com a miséria existente e, no entanto, era portador de tesouros incalculáveis.

Intimorato, nunca se permitiu abater ante as injustiças que maceravam a população, preservando Sua autoridade moral e vivendo os padrões elevados da misericórdia e da compaixão.

Afável com as criancinhas, era bondoso com os anciãos, aos quais ouvia compadecido.

Saudável, não desprezou os enfermos que lhe buscavam o socorro para a saúde de todo porte.

Simple e desataviado, jamais se recusou às complexidades das massas em perturbação.

Portador de desconhecidos poderes, aceitou situações e injunções perversas, sem utilizar das energias inigualáveis que possuía.

Revolucionário do Bem, sempre convidava à paz e ao equilíbrio sem fugir à luta.

Reuniu um pequeno grupo de homens simples e sem o tesouro da cultura nem do poder terreno, humildes de profissão, deles fez mensageiros de extraordinários conhecimentos e valores morais incomuns.

Sem teto próprio para resguardar-se no cansaço e do sono, elegeu a natureza como o Seu lar e as casas modestas de amigos pobres para repousar.

Conhecedor dos acontecimentos do futuro, viveu o presente com integridade e devotamento.

Podendo empreender situação de destaque na comunidade, operava maravilhas e pedia silêncio sobre elas.

Discriminado pelos contemporâneos que O invejavam e gostariam de ser-lhe iguais, aceitou seus convites para os seus lares, a fim de O submeterem ao metro da sua pequenez.

Amigo e benfeitor dos excluídos, aos quais socorreu sempre, não lhes solicitou gratidão nem reconhecimento da coletividade onde viveu.

Falava tudo quanto se falava, somente ninguém jamais falou como Ele O fazia.

Veio para guiar a Humanidade ao seu fanal – a felicidade! – mas não impôs as Suas diretrizes para a sua vigência.

Amou a tudo e a todos sem depender de nada ou de ninguém, porque Ele viera para dar e guiar a sociedade para a edificação do Reino de Deus.

Este homem é Jesus, luz do mundo, pão da vida, caminho de redenção para todas as vidas.

Não O esqueças, nem te distancies dEle, seja qual for a circunstância ou o estado em que te encontres.

Mantém-te a Ele vinculado pelo pensamento, seja qual for a circunstância e procura agir conforme Ele fazia, em toda e qualquer ocorrência em que te vejas envolvido.

Ele te ama...

Joanna de Ângelis

Psicografia de Divaldo Pereira Franco, na sessão da noite de 27.2.2023, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador/BA.

Fonte: mundoespirita.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo



Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino “é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada”.

Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo.

Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, O Evangelho Segundo o Espiritismo restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a

Cap. XXV: Buscai e Achareis | Itens 6 A 8: Olhai as Aves do Céu

“Não queirais entesourar para vós tesouros na Terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e onde os ladrões os desenterram e roubam. Mas entesourai para vós tesouros no céu, onde não os consomem a ferrugem, nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram, nem roubam. Porque onde está o vosso tesouro, aí está também o vosso coração.

Portanto vos digo: Não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis. Não é mais a alma do que a comida, e o corpo mais do que o vestido?

Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros; e, contudo, vosso Pai celestial as sustenta. Porventura, não sois muito mais do que elas?

E qual de vós, discorrendo, pode acrescentar um côvado à sua estatura? E por que andais vós solícitos pelo vestido?

Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam; digo-vos mais, que nem Salomão, em toda a sua glória, se cobriu jamais como um deles.

Pois, se ao feno do campo, que hoje é, e amanhã é lançado no forno, Deus veste assim, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

Não vos aflijais, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos? Porque os gentios é que se cansam por essas coisas. Porquanto vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas.

Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas se vos acrescentarão. E assim, não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado; ao dia basta a sua própria aflição.” (Mateus, VI: 19 a 21 e de 25 a 34.)

Lendo com atenção esse texto escrito por Mateus, interpretando-o segundo o contexto dos ensinamentos de Jesus, podemos perceber que ele apenas combate as preocupações exageradas dos homens em relação às coisas materiais, na valorização do supérfluo, não se contentando na simples satisfação das necessidades materiais.

Pior ainda, quando, para satisfazer as necessidades artificiais do supérfluo, ele se esquece ou não percebe as suas necessidades espirituais, pois, gasta sua energia, sua inteligência na obtenção de bens materiais.

Jesus não condena as preocupações humanas na satisfação dessas necessidades, apenas, recomenda: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça...”, na valorização dos bens espirituais, que são o trabalho, o viver na solidariedade, na generosidade, na caridade, no pensar também nas necessidades dos outros...

Quem busca o Reino de Deus, no esforço de desenvolver suas qualificações nobres, por certo, saberá satisfazer suas necessidades materiais, com seu trabalho, com confiança em Deus, que sabe que o homem precisa satisfazer essas necessidades, tendo-lhe dado condições e capacidades de atendê-las, porém, sem prejuízo de ninguém, fazendo do que seria seu supérfluo, a satisfação de necessidades de outros, contentando-se com o necessário para sua vida no ambiente em que viver.

Viver despreocupado das necessidades materiais, esperando que Deus as supra, seria desprezar os dons espirituais que o homem traz em si, para transformar-se de Espírito simples e ignorante em Espírito puro.

O que busca o Reino de Deus e sua justiça, esforça-se por atender a essas necessidades para estar em melhores condições de satisfazer as necessidades espirituais, que são sua prioridade enquanto precisar viver em mundos materiais.

Entende assim, que tudo que é material, que atende às necessidades materiais deve ser usado em benefício do Espírito imortal, no seu desenvolvimento, que o levará a ser perfeito e feliz.

A frase “*Porque onde está o seu tesouro, aí está também o vosso coração*” é bastante elucidativa em relação ao que é valorizado pelo homem, elucidando que tudo que lhe é mais precioso na sua busca de felicidade, de prazer, reflete as suas características espirituais.

Assim, pelo que valoriza no seu viver, demonstra o homem seu grau evolutivo de mais ou menos materialidade, de mais ou menos espiritualidade, e isso é um bom indício para o conhecimento de si mesmo, sem o qual, a progressão individual não será feita de forma consciente, racional, pela vontade de progredir.

Outra frase muito importante “*ao dia basta a sua própria aflição*”, não prega a imprevidência quanto ao dia de amanhã, mas, ao considerar-se que o viver se faz em uma sucessão de dia após dia, o esforço de viver bem, no cumprimento dos deveres materiais e espirituais, no dia de hoje, já é um preparo para o dia de amanhã.

Desse modo, viver bem, com bom senso, o momento atual é preparar-se para os dias que virão, não havendo, então, necessidade de preocupação com o amanhã e sim, com o dia de hoje, com o aqui e agora.

Quem assim o faz, percebe que o viver se torna mais fácil, podendo-se enfrentar as vicissitudes e dificuldades com mais equilíbrio e serenidade, com mais confiança em Deus e em si mesmo.

Allan Kardec faz algumas considerações sobre a necessidade do viver-se na fraternidade, na solidariedade, e termina: “*Não é através de leis que se decretam a caridade e a fraternidade. Se elas não estiverem no coração, o egoísmo as asfixiará sempre. Fazê-las ali penetrar, é a tarefa do espiritismo*” e dos verdadeiros espíritas, que as devem vivenciar nas atitudes, nos comportamentos e nas ações.

Leda de Almeida Rezende Ebner – Outubro/2018

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

A Atualidade do Termo “Fluido” no Espiritismo

Em O Livro dos Espíritos (LE), ⁽¹⁾ após a Introdução, a palavra “**fluido**” aparece pela primeira vez na resposta dada pelos Espíritos à questão 27. Ao serem questionados se matéria e espírito são os dois elementos gerais do universo, os Espíritos responderam:

Sim e acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria específica o princípio de tudo o que existe, uma trindade universal. Mas ao elemento material tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. [...]

Mas o que seria esse fluido? A questão 27a do LE fornece pistas:

a) Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade? Dissemos que ele é suscetível de inúmeras mutações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente.

Na época em que Kardec tomou contato com os espíritos, ainda não existia a teoria clássica do eletromagnetismo, formulada por James Clerk Maxwell e publicada em 1861. Havia uma teoria fluídica ⁽²⁾ da eletricidade, proposta por Charles François de Cisternay du Fay e depois aprimorado por Benjamin Franklin, que dizia que as aparências elétricas resultavam do excesso ou da falta de um determinado fluido. ⁽²⁾ Teorias similares existiam para explicar o magnetismo. ⁽²⁾ Não é de se estranhar, pois, que os Espíritos utilizassem termos conhecidos à época para poder explicar os conceitos espíritas.

Um fluido é “*uma substância que continuamente se deforma (flui) sob ação de forças de cisalhamento*”.⁽³⁾ As forças de cisalhamento são aplicadas de forma paralela, mas em sentidos opostos, assim como a tesoura ao cortar um material. Os fluidos possuem duas propriedades:⁽³⁾

- I) não resistem à deformação, ou resistem de modo relativamente lento (apresenta particularidades); e
- II) possuem habilidade de fluir, assim como a habilidade de tomar a forma do recipiente que os contém.

Essas definições de materiais sobre fluidos levaram alguns companheiros a questionar a validade do uso do termo “fluido” para tudo o que é formado a partir de modificações do Fluido Universal (FU), que são etéreos ou imponderáveis. Alega-se que o conceito de fluido no Espiritismo é algo mais sutil e dinâmico do que o conceito de fluido na Ciência. Sugeriu-se que o termo “campo”, como usado na definição de campos elétricos e magnéticos, seria mais adequado, cientificamente, do que “fluido” para descrição das modificações do FU. Propôs-se até mesmo a abolição do uso do termo “fluido” das obras espíritas e do Movimento Espírita, alegando que esse termo seria impróprio pelas razões acima mencionadas. Por outro lado, estudiosos do aspecto filosófico da ciência espírita enfatizam a importância de se manter a nomenclatura originalmente definida pela Doutrina Espírita sob pena de se desvirtuar o entendimento de seus principais conceitos com a inserção apressada de novos termos.⁽⁴⁾ Diante disso, analisar se realmente o termo “fluido” seria inadequado para descrever os fluidos espirituais. Verificamos se o conceito de “campo”, no fundo, não nos remete de volta ao conceito de “fluido”, quando desenvolvido segundo as teorias modernas da Física. Para isso, vamos rever o conceito de “campo”, segundo a Ciência e analisar a descrição do conceito de “campo elétrico”, segundo a teoria quântica. Por fim, esta descrição será comparada com o conceito de “fluido” para verificarmos se, no final das contas, ele permanece ou não atual e correto no Movimento Espírita.

Conceito de “campo”

A Wikipedia apresenta a seguinte definição matemática de campo: “*uma quantidade física que possui um valor em cada ponto do espaço e do tempo*”.⁽⁵⁾ Exemplos são os campos elétricos, magnéticos, de velocidades, gravitacionais etc. Os campos podem ter natureza escalar, vetorial ou algo matematicamente mais complexo. Uma escalar é uma grandeza representada apenas por um número. Um vetor é um objeto matemático que possui magnitude, direção e sentido bem definidos sendo, portanto, representado por três números. Os campos elétricos e magnéticos são representados por vetores.

Michael Faraday, em 1847, foi o primeiro a usar o termo “campo”. A ideia de campo está relacionada a algum tipo de alteração que o espaço sofre, tornando-o capaz de agir sobre uma partícula através de forças, de acordo com as propriedades físicas da partícula. Esse conceito surgiu para explicar como partículas distantes poderiam “sentir” a presença umas das outras, isto é, como uma partícula exerce força sobre as outras. Uma partícula sozinha no espaço, ou seja, na ausência de outras partículas, não sentirá nenhum tipo de força ou interação. Mas, na presença de outras partículas, ela poderá sentir forças de atração ou repulsão. Por exemplo, cargas elétricas interagem entre si através da chamada Lei de Coulomb que diz que cargas iguais se repelem e cargas opostas se atraem de modo proporcional ao produto da intensidade das cargas e ao inverso do quadrado da distância entre elas. Mas a questão que intriga os cientistas foi: como uma carga “sabe” da existência e proximidade das outras cargas, ou como “sabe” se essa outra carga é de sinal igual ou oposto à sua própria carga?

Alguma informação a respeito de cada carga presente num ambiente se propaga pelo espaço e essa informação é, de alguma forma, percebida e interpretada por outras partículas.

O campo elétrico foi definido para tentar explicar isso. Ele representa uma alteração no espaço devido à simples presença de partículas de carga elétrica. As outras partículas “percebem” a existência de outras cargas através da percepção da intensidade, sentido e direção do campo elétrico. A Ciência, então, definindo formas matemáticas precisas de se quantificar o campo elétrico, como uma grandeza vetorial, e fez inúmeras experiências para determinar mapas ou diagramas espaciais que o representam diante de diversos tipos e distribuições de cargas.

Embora útil, o conceito de “campo” foi considerado mais um artifício matemático do que um objeto físico. Porém, com o desenvolvimento da teoria eletromagnética de Maxwell, demonstrou-se que a luz e a radiação eletromagnética são campos elétricos e magnéticos que oscilam no tempo e no espaço. Como a radiação eletromagnética continha energia e momento linear, os campos eletromagnéticos passaram a ter um status de objetos físicos reais.

O conceito de campo é algo interessante porque é imponderável por natureza. Essa imponderabilidade pode ter sido uma motivação para que alguns companheiros espirituais pensem que é melhor fazer o termo “fluido” para descrever aquilo que chamamos de fluidos espirituais. Afinal, no *item 2, do cap. XIV de A Gênese (GE)*,⁽⁶⁾ Kardec expõe sua opinião sobre o

[...] Como princípio elementar do universo, ele assume dois estados diferentes: o de ete-rização ou imponderabilidade, que se pode considerar o estado primitivo normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo. [...]

Ou seja, como o estado de imponderabilidade que caracteriza os fluidos espirituais, alguns companheiros abrigaram a ideia de que o conceito de campo, que também é algo imponderável, poderia descrevê-los diretamente. Se a questão fosse apenas a ponderabilidade, razão não teria para desprezar o termo “fluido”, pois que os gases são fluidos imponderáveis. Mas os estudos modernos, com base na física moderna, mostram que o conceito clássico de campo, como algo estático e que transmite informação instantaneamente a todo o espaço, não pode existir.

É aí que vamos perceber a atualidade do termo “fluidos” e a sabedoria dos Espíritos em não propor outra denominação para os mesmos.

Com a descoberta da quantização da energia do campo eletromagnético, chamada fóton, e o surgimento posterior da teoria quântica da matéria, a forma como os cientistas entendem o conceito de campo mudou. A teoria que trata do campo eletromagnético de modo quântico é chamada de eletrodinâmica quântica (ou QED da sigla em inglês)⁽⁷⁾. A QED descreve a interação ou forças entre partículas trocadas reciprocamente através da troca de fótons. Essas fotos são chamadas de virtuais ou mensageiros, porque só existem com o propósito de trocar informações eletromagnéticas entre as cargas elétricas.⁽⁸⁾ O campo elétrico seria, então, representado pelo conjunto de fótons virtuais ou mensageiros trocados entre as partículas de carga que participam da interação entre elas. O campo elétrico, assim, não é mais uma entidade absolutamente imponderável e abstrata, mas sim um conjunto de partículas de luz – os fótons –, que fluem incessantemente de uma carga para outra a fim de realizar uma interação entre elas.

Voltamos, agora, às propriedades dos fluidos. Além de não resistir à deformação, a propriedade de ter habilidade de fluir é o ponto que liga o conceito moderno de campo ao conceito de fluidos. Como visto acima, o conceito quântico de campo elétrico envolve partículas de luz virtuais que, possuindo a habilidade de fluir de uma partícula de material de carga para outro, permite a troca de informações eletromagnéticas entre elas. Por ser formado por objetos físicos que possuem habilidade de fluir, “campo” pode ser chamado de “fluido”. Portanto, o termo “fluidos” no Espiritismo não é ultrapassado, como algumas idéias, e é perfeitamente adequado para descrever os fluidos espirituais.

Em conclusão, mostramos como o termo “fluido” permanece atual mesmo com os avanços da física moderna. Destacamos a sabedoria dos Espíritos quando obtivemos a expressão “**o que chamais**” antes de “**fluido**” na resposta dada à questão 27a):

[...] O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente. Ao usar a expressão “o que chamais fluido elétrico...”, os Espíritos não se comprometeram em confirmar que a eletricidade e o magnetismo seriam fluidos, como se fossem pensados na época, e, ao mesmo tempo, não deixaram de usar o termo que permanece atual. A Doutrina Espírita demonstra, mais uma vez, estar à frente do seu tempo.

Referências:

1 KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEV, 2013.

2 “Teoria dos fluidos da eletricidade”. Disponível em: <<https://goo.gl/h3KMg9>>. Acesso em: 8 nov. 2015. 3 “Fluido”. Disponível em: <<https://goo.gl/5I9Giq>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

4 CHIBENI, Sílvia S. Boletim GEAE 300 (1998). Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/entrevista-silvio-chibeni.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

5 “Campo (física)”. Disponível em: <<https://goo.gl/umfqDO>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

6 KARDEC, Allan. A gênese. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 1. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEV, 2013.

7 “Eletrodinâmica Quântica”. Disponível em: <<https://goo.gl/t6ebjg>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

8 “Teoria das Cordas e Eletrodinâmica Quântica para Leigos”. Disponível em: <<http://goo.gl/tQAc3n>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

Fonte: <http://www.souleitorespirita.com.br/reformador/noticias/a-atualidade-do-termo-fluido-no-espiritismo/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Aprofundado os Conhecimentos nas Leis Naturais

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos.

Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

A Lei de Igualdade

Lemos amiúde na literatura espírita, nos sábios e valorosos ensinamentos transmitidos pelos benfeitores espirituais, que todos fomos criados simples e ignorantes, que partimos do mesmo princípio, e que, desse modo, todos somos iguais.

Ao tratar da Lei de Igualdade no capítulo 9 do livro terceiro (As Leis Morais) de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec faz oportuna observação na questão 803, esclarecendo – certamente de maneira inspirada – que “**todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem com a mesma fraqueza, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Portanto, Deus não deu, a nenhum homem, superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Diante Dele, todos são iguais.**”

Com relação às aptidões e suas visíveis desigualdades, os orientadores espirituais nos esclarecem na resposta à **pergunta 804** que **“Deus criou todos os espíritos iguais, mas cada um deles tem maior ou menor vivência e, por conseguinte, tem maior ou menor experiência. A diferença está no grau da sua experiência e da sua vontade, que é o livre-arbítrio; daí, uns se aperfeiçoam mais rapidamente e isso lhes dá aptidões diversas. A variedade das aptidões é necessária, a fim de que cada um possa concorrer aos objetivos da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais...”**.

Quanto às diferenças sociais ou das condições sociais, a espiritualidade nos instrui na **questão 806** que **tal desigualdade é obra das criaturas, não de Deus, e que desaparecerá um dia, juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo – duas das principais chagas da humanidade –, não restando senão a “desigualdade de mérito.”**

No que se refere às disparidades das riquezas, os bons espíritos esclarecem na resposta à **pergunta 811** que a sua igualdade absoluta não é possível, uma vez que a diversidade das faculdades e dos caracteres (das criaturas) se opõe a isso. Assim, as nossas características pessoais, aptidões e vocações impedem que tenhamos divididos irmanamente os frutos do nosso trabalho. Acontece, porém, que isso não é obstáculo para a fraternidade entre as criaturas. Ao contrário, é um dever de todos nós dividirmos o pão e o peixe, como fez Jesus em passagens narradas pelos evangelistas.

Com referência à igualdade de direitos dos gêneros masculino e feminino, os benfeitores esclarecem que Deus deu a inteligência do bem e do mal a todas as criaturas, bem como a faculdade de progredir (resposta à **questão 817**), valendo transcrever a observação feita pelo codificador na **pergunta 820**, ao dizer que **“Deus conformou a organização de cada ser às funções que deve cumprir. Se deu à mulher uma força física menor, dotou-a, ao mesmo tempo, de uma maior sensibilidade, relacionada com a delicadeza das funções maternas e a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.”**

Assim, e como enfatizado pelo Espírito de Verdade na resposta ao questionamento sob o **número 822**, **“A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher; todo privilégio concedido a um, ou a outro, é contrário à justiça.”**

Apesar de termos sido criados iguais, simples e ignorantes, como visto, não nos é prudente desconsiderar o alerta feito por Emmanuel no final do **capítulo 33 do livro Roteiro**, no sentido de que **“o Espiritismo, confirmando o Evangelho, vem amparar o homem e convidá-lo a aprimorar-se e engrandecer-se, consoante a Sabedoria da Lei que determina ‘a cada um, segundo as suas obras.’”**

Dessa forma, embora tenhamos partido do mesmo ponto na nossa gênese, a evolução é diferente em cada criatura, em cada individualidade, podendo se dar de maneira mais rápida ou mais demorada em cada um, como foi demonstrado na transcrita resposta à **pergunta 804 de O Livro dos Espíritos**.

Conforme se afere da observação feita pelo professor Rivail na **questão 805**:

“a diversidade das aptidões do homem não resulta da natureza íntima de sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento ao qual chegaram os Espíritos nele encarnados. Deus, portanto, não criou desigualdades de faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento estivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar o progresso dos mais atrasados, e, também, a fim de que os homens, tendo necessidade uns dos outros, cumprissem a lei de caridade que os deve unir.”

Façamos a nossa parte enquanto cristãos, preocupando-nos sim com o nosso desenvolvimento pessoal e espiritual, mas também enxergando o próximo, colocando-nos no lugar do próximo, auxiliando e amparando o próximo. Não nos façamos cegos, surdos, insensíveis ao sofrimento alheio. Jamais nos esqueçamos de que a já referida divisão do pão e do peixe, de que a caridade para com as demais criaturas, resumem imprescindíveis lições trazidas e ensinadas pelo Mestre Divino para o nosso progresso em todos os sentidos, e que o orgulho e o egoísmo somente atrasam a nossa evolução rumo às instâncias superiores da Espiritualidade.

Renato Confolonieri

Fonte: agendaespiritabrazil.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

compreender-se mais, sem
dar-se conta, com os códigos
da vida.

Joanna de Ângelis

Do livro: Seja Feliz Hoje



Mantem-te firme no enfrentamento das dificuldades e dores, das quais sairás mais forte e enriquecido de sabedoria.



Para quem deseja compreender o Espiritismo, dando a saber do que se trata e internalizar os fundamentos do mestre Jesus, é preciso a leitura constante e atenta, além do estudo continuado das obras fundamentais da Doutrina Espírita.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese*, *Obras Póstumas*, além de *O Que é o Espiritismo* dando continuidade do estudo das Obras Básicas apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

O Livro dos Médiuns e a Prática Mediúnica

Na tradução da Segunda Edição Francesa (Paris, 1862) da LAKE por J. Herculano Pires encontramos logo acima do nome de Allan Kardec a frase: "*Espiritismo Experimental*". Abaixo no título, em letras menores e entre parênteses ("*Guia dos Médiuns e dos Doutrinadores*"). Contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o Mundo Invisível, o desenvolvimento da Mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo. Continuação de "O Livro dos Espíritos".

Antes deste lançamento, havia sido publicado em 1858 um pequeno volume "*Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*", sob a revisão pessoal de Allan Kardec, "com o concurso de Espíritos e acrescida de grande número de novas instruções" e elaborada essa edição definitiva tal como conhecemos e considerando superada o "Instruções Práticas".

O desejo desse novo trabalho era exatamente de que os espíritas estudassem, se aprofundassem na questão mediúnica, não ficando nas informações iniciais daquele pequeno volume, um livro importante sim, mas sintético.

Apresentado por Kardec como continuação de "*O Livro dos Espíritos*", onde "(...) grande parte da obra deles (...)" como podemos ler na Introdução. Os Espíritos o reviram, modificaram, aumentaram, acrescentando-lhe "(...) número muito grande de observações e instruções do mais alto interesse". O segundo volume da Codificação do Espiritismo é, como assinala Kardec, o desenvolvimento da parte prática da Doutrina. É o livro básico da Ciência Espírita, um tratado de Mediunidade indispensável a todos os que se interessam pela boa realização de trabalhos mediúnicos. A tese fundamental: existência do "perispírito", elemento de ligação do Espírito ao corpo material. Essa ligação, de tipo energético ou vibratório, é o princípio da mediunidade "(...) Assim como o nosso Espírito anima o corpo através do perispírito, constituindo em vida o que chamamos de alma, os demais Espíritos de mortos ou de vivos podem influenciá-lo. Em sintonia com o nosso Espírito podem mesmo utilizar-se do nosso corpo para as suas manifestações. Dessa maneira, a Mediunidade, é uma condição natural do homem, uma faculdade geral da espécie humana, que se revela em dois campos paralelos de fenômenos: os anímicos, decorrentes das atividades do nosso próprio Espírito fora do condicionamento orgânico; e os espíritas, decorrentes das relações naturais do nosso Espírito com outros Espíritos".

Por seu conteúdo "*O Livro dos Médiuns*" torna-se imprescindível à prática mediúnica; um livro que abre horizontes às concepções científicas dos nossos dias; alerta, chama a atenção daquele que se interessa pelo trabalho mediúnico face a necessidade do conhecimento, do estudo, das avaliações, do intercâmbio entre grupos, participação em seminários, palestras, trocas visando uma estruturação segura, um aprimoramento na qualidade do servir no amor.

Mas onde em "*O Livro dos Médiuns*" essas preocupações e cuidados se manifestam?

Todo conteúdo dele reflete, no ensinar, essa preocupação para que se conheça, de que haja preparo, que se faça melhor. Especificamente em várias seqüências, em muitos pontos encontraremos citações como: "***(...) Sua finalidade (do livro) é indicar os meios de desenvolvimento da mediunidade em quem a possui, segundo as possibilidades de cada um, e sobretudo orientar o seu emprego de maneira proveitosa. Mas não é esse o nosso único objetivo. Aumenta todos os dias, ao lado dos médiuns, o número de pessoas que se dedicam às manifestações espíritas. Orientá-las nas suas observações, apontar-lhes as dificuldades que certamente encontrarão, ensinar-lhes a maneira de se comunicarem com os Espíritos, obtendo boas comunicações, é o que também devemos fazer para completar o nosso trabalho. Ninguém estranhe, pois, se encontrar ensinamentos que poderão parecer descabidos. A experiência, mostrará que são úteis. O estudo atencioso deste livro facilitará a compreensão dos fatos a observar (...)***"

Mais adiante "***(...) Dirigimo-nos aos que vêm no Espiritismo um objetivo sério, compreendendo toda a sua gravidade e não pretendem brincar com as comunicações do outro mundo***".

Prossegue "***(...) Acrescentaremos uma importante consideração: a de que as experiências feitas com leviandade, sem conhecimento de causa, provocam péssima impressão nos principiantes ou pessoas mal preparadas, tendo o inconveniente de dar uma idéia bastante falsa do mundo dos Espíritos, favorecendo a zombaria e dando motivo à críticas quase sempre bem fundadas. É por isso que os incrédulos saem dessas reuniões raramente convencidos e pouco dispostos a reconhecerem o aspecto sério do Espiritismo. A ignorância e a leviandade de certos médiuns têm causado maiores prejuízos do que se pensa na opinião de muita gente***".

Nesse linguajar franco, nessas assertivas e exortações transcorre todo o texto. Uma das situações que é para muitos médiuns ainda causa de insegurança está há mais de cem anos ali esclarecida *"(...) que a alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra (...)"* ou que *"(...) um médium de inteligência bem reduzida poderia transmitir comunicações de ordem elevada como também escrever numa língua que não conhece (...)"* prosseguindo nas explicações de como, quando ou porque isso pode acontecer, evidenciando o papel do médium, as condições que ele necessita apresentar para que o exercício da faculdade atinja seus objetivos.

Esse médium conscientizado, no grupo também envolto nesse propósito, formará o "todo coletivo", será a consequência natural da vivência das instruções estudadas, refletidas. É por isso que, as reuniões espíritas diferirão uma das outras, segundo os propósitos daqueles que constituem, podendo dar-lhe a natureza "frívola", "experimental" ou "instrutiva", discorrendo em seguida sobre detalhes que caracterizam cada qual.

Sobre a importância do estudo e do médium estar ligado ao grupo na casa espírita *"(...) o médium pode-se deixar enganar pelas palavras bonitas, pela linguagem pretenciosa, deixando-se seduzir pelos sofismas, tudo isso na maior boa fé. Eis porque na falta das próprias luzes, deve modestamente recorrer à luzes dos outros, segundo os ditados populares de que "quatro olhos vêem melhor do que dois" e de que "ninguém é bom juiz em causa própria". É desse ponto de vista que as reuniões são de grande utilidade para o médium (...)"*. Segue-se *"(...) Todo médium que sinceramente não queira se transformar em instrumento da mentira deve procurar produzir nas reuniões sérias (...)"*.

E em relação às reuniões *"(...) toda reunião espírita deve pois procurar a maior homogeneidade possível. Falamos, bem entendido, das que desejam chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se simplesmente se quer obter quaisquer comunicações, não se importando com a qualidade, é evidente que todas essas precauções não são necessárias. Mas então não se deve lamentar a qualidade do produto"*.

"Se a reunião encaminhar-se mal (...) nada se diz, aprovando pelo silêncio? (...) o que fazer? (...)". Sobre os cuidados à admissão de novos elementos "(...) aqueles que mais particularmente se devem acautelar são as pessoas dotadas das idéias preconcebidas, os incrédulos sistemáticos que duvidam de tudo, mesmo da evidência, os orgulhosos que pretendem ter o privilégio da verdade e procuram impor sempre sua opinião olhando com desdém os que não pensam como eles. Não vos enganeis com seu pretense desejo de esclarecimento (...)".

Oportuníssimas as reflexões próximas quando ressalta que instituições grandes ou pequenas não podem se esquecer, estarem vigilantes, atentas contra outra dificuldade onde os fatores de perturbação poderão advir também através do mundo invisível onde Espíritos malfeitores poderão ligar-se aos grupos e aos indivíduos. *"Ligam-se primeiro aos mais fracos, aos mais acessíveis, procurando transformá-los em seus instrumentos e pouco a pouco vão envolvendo a todos, porque sua alegria maligna é tanto maior quanto maior o número dos que tenha subjugado"*.

Prosseguem pensamentos nesse enfoque chegando que *"(...) o mais poderoso antídoto desse veneno é a caridade (...)"*. *Não se deve pois esperar que o mal se torne incurável para aplicar o remédio. Nem mesmo se esperar os primeiros sintomas, pois é necessário sobretudo prevenir. Para isso há dois meios eficazes, quando bem aplicados - a prece feita de coração e o estudo atento dos menores sintomas que revelem a presença de Espíritos mistificadores.*

A primeira atrai os Espíritos bons que só assistem zelosamente aos que sabem secundá-los pela confiança em Deus; o outro prova aos maus, que se puseram em relação com pessoas esclarecidas e bastante sensatas para não se deixarem enganar. Se um dos membros do grupo cair sob a influência da obsessão, todos os esforços devem tender, desde os primeiros sinais, a lhe abrir os olhos, antes que o mal se agrave a fim de levá-lo à compreensão de que foi enganado e ao desejo de ajudar os que procuram livrá-lo".

Nesse passar entre itens aqui e ali em **"O Livro dos Médiuns"**; dirigentes, médiuns, componentes dos grupos espíritas encontrarão indicativas de como fazer, da necessidade do conhecer, de estar alerta, na ênfase que dá quando reflete que *"(...) a influência do meio decorre da natureza dos Espíritos e da maneira que agem sobre os seres vivos, Dessa influência cada qual pode deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma sociedade que aspire a atrair a simpatia dos Espíritos bons, obtendo boas comunicações e afastando as más. Essas condições dependem inteiramente das disposições morais dos participantes. Podemos resumi-las nos seguintes pontos:*

- perfeita comunhão de idéias e sentimentos
- benevolência recíproca entre todos os membros
- renúncia de todo sentimento contrário à verdadeira caridade
- desejo uníssono de se instruir e de melhorar pelo ensinamento dos bons e aproveitamento de seus conselhos. Quem estiver convencido de que os Espíritos Superiores se manifestam com o fim de nos fazer progredir e não para nos agradecer, compreenderá que eles devem se afastar dos que se limitam a admirar o seu estilo sem tirar nenhum fruto das suas palavras e só são atraídos às sessões pelo maior ou menor interesse que elas oferecem, de acordo com os seus gostos particulares.
- exclusão de tudo o que nas comunicações solicitadas aos Espíritos só tenha por objetivo a curiosidade

- **concentração e silêncio respeitoso durante as conversações com os Espíritos**

- **concurso de todos os médiuns, com renúncia de qualquer sentimento de orgulho, de amor próprio, de supremacia, com o desejo único de se tornar útil**

Essas condições são tão difíceis de preencher que não se encontra quem possa satisfazê-las? Não pensamos assim. Esperamos pelo contrário, que as reuniões verdadeiramente sérias, como as já existentes em diferentes lugares, se multiplicarão e não exitamos em dizer que a elas o Espiritismo deverá sua mais ampla divulgação. Unindo os homens honestos e conscienciosos elas imporão silêncio à crítica e quanto mais pura forem as suas intenções, mais serão respeitadas, até mesmo pelos seus adversários. Quando a zombaria ataca o bem, deixa de provocar o riso e torna-se desprezível. Entre as reuniões dessa espécie e que se estabelecerão laços de real simpatia, uma solidariedade mútua, pela própria força das circunstâncias, contribuindo para o progresso geral".

Possam os tópicos transcritos, despertar no médium, no dirigente da casa espírita, no dirigente do trabalho e participantes do grupo mediúnico, o desejo de buscar em **"O Livro dos Médiuns"** a seqüência, o aprofundamento dos assuntos abordados, formando grupos de estudo, suspendendo trabalhos, se essa for a necessidade reestruturar, mudar, organizar segundo as orientações de Allan Kardec. Que suas palavras continuem a nos exortar, ainda mesmo quando escreve: **"Diariamente a experiência confirma a nossa opinião de que as dificuldades e desilusões encontradas na prática espírita decorrem da ignorância dos princípios doutrinários. Sentimo-nos felizes por verificar que foi eficiente o nosso trabalho para prevenir os adeptos quanto aos perigos do aprendizado, e que muitos puderam evitá-lo com o estudo atento desta obra (O Livro dos Médiuns).**

Referências:

O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - Introdução, cap. XIX: 222, 223, 224 e cap. XXIX: 325 a 341.

Leda Marques Bighetti

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A Ecologia Espiritual de Allan Kardec

Hippolyte Léon Denizard Ribail, natural de Lyon, na França, cumpriu perfeitamente a missão a que foi predestinado, durante os 65 anos em que viveu na Terra. Mais. Foi responsável por uma grande transformação espiritual na humanidade, baseado em um estudo aprofundado dos fenômenos espíritas e sua relação com o mundo, a natureza, Deus e nós, homens e mulheres.

Mais conhecido como Allan Kardec, nasceu em uma família de magistrados e advogados, apesar de, desde jovem, sentir-se atraído pelo estudo das ciências e da filosofia. Kardec foi um católico criado em um país protestante. E, por causa disso, suportou a intolerância, em seus mais variados níveis, e passou a nutrir a idéia de que uma nova reforma religiosa seria necessária.

Durante anos, estudou com o intuito de buscar a unificação de todas as crenças. E o Espiritismo foi, conseqüentemente, um norte para esta busca. Antes disso, foi membro de sociedades sábias, fundou cursos gratuitos de química, física, anatomia, astronomia e sempre esteve preocupado com os sistemas de educação.

Focou-se nas manifestações espíritas em 1855, quando se entregou definitivamente a observá-las e deduzir suas conseqüências filosóficas. Foi o Espiritismo que lhe popularizou o nome de Allan Kardec. Dois anos mais tarde, lançou o "Livro dos Espíritos", referente à parte filosófica do Espiritismo, que enterrava de vez a doutrina como refúgio da superstição e a fortalecia por sua essência e princípios que explicavam as anomalias da vida humana, suas irregularidades intelectuais, morais e sociais. E, de forma, inédita, trouxe um olhar mais humano e respeitoso às manifestações espíritas, à igualdade dos homens perante Deus e deixando a fraternidade, a liberdade e a solidariedade universal como o caminho mais sábio para atingir a plenitude.

Para celebrar os 150 anos do Espiritismo, completados em 2007, a JB Ecológico destacou alguns trechos do "Livro dos Espíritos", que ganhou uma edição comemorativa da Federação Espírita Brasileira (FEB), com tradução de Evandro Noleto Bezerra. Confira:



Natureza

“As belezas naturais são tão diferentes que estamos longe de as conhecer. Os Espíritos são sensíveis a essas belezas, segundo as aptidões que tenham para as apreciar e compreender. Para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas dos detalhes.”

“Os grandes fenômenos da natureza algumas vezes têm o homem como razão imediata de ser. Na maioria dos casos, entretanto, têm por único objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza.”

“Tudo trabalha na natureza. Como tu, os animais trabalham, mas o trabalho deles, como a inteligência de que dispõem, se limita a cuidarem da própria conservação.”

“A natureza não é imprevidente. O homem é que não sabe moderar seu modo de viver.”

Abuso de autoridade

“É uma das piores ações. Todo homem que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe a seus inferiores, porque transgride a lei de Deus.”

Guerra

“Sabeis perfeitamente que há Espíritos que só procuram a discórdia e a destruição. Para eles, guerra é guerra: a justiça da causa pouco os preocupa.”

“Quem promove a guerra em benefício próprio é o verdadeiro culpado. Precisar-se-á de muitas existências para expirar todos os assassinios dos quais foi a causa. E responderá por cada homem cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição.”

Inteligência

“A inteligência não é um atributo do princípio vital, pois as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica.”

“O instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência não racional. É por ele que todos os seres provêem às suas necessidades.”

Pessoas inúteis

“Há pessoas que realmente só vivem para si mesmas e que não sabem tornar-se úteis para coisa alguma. São pobres seres que devemos lamentar, porque expiarão cruelmente sua inutilidade voluntária. Muitas vezes, seu castigo já começa neste mundo, pelo tédio e pelo desgosto que a vida lhes causa.”

Paternidade

“Sem dúvida é uma missão. Deus colocou o filho sobre a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pelo caminho do bem, e lhes facilitou a tarefa dando à criança uma organização frágil e delicada, que a torna acessível a todas as impressões.

“Mas há quem se ocupe mais em endireitar as árvores do seu jardim e fazer que dêem bons e abundantes frutos, do que em endireitar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa dos pais, sofrerão os genitores as conseqüências dessa queda.”

Espíritos

“Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material.”

“Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-nos e atuando sobre vós, sem que o saibas. Os Espíritos são uma das forças da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais.”

“A vida do espírito é que é eterna, a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, retorna à vida eterna.”

“Eles penetram tudo: o ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

“A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. De um grau a outro, a transição é insensível e, nos limites, como nas cores do arco-íris. Ou, ainda, como nos diferentes períodos da vida do homem.”

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu uma missão, como o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si.”

“Os espíritos concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, de quem são ministros. A vida espiritual é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não existe a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades.”

Homem

“Orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem que alguma coisa possa ultrapassar o seu entendimento. Sua própria ciência os torna presunçosos. Pensam que a natureza nada pode lhes ocultar.”

“O homem tem, instintivamente, a convicção de que, para ele, nem tudo se extingue com a vida; tem horror ao nada.”

Alma

“A alma nada leva consigo deste mundo. Nada, a não ser a lembrança, cheia de doçura ou de amargor, conforme o emprego que haja feito da vida. Quanto mais pura for, tanto melhor compreenderá a futilidade que deixa na Terra.”

“A separação da alma e do corpo não é dolorosa. O corpo sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma nenhuma parte toma disso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o espírito.”

“A alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo a que se restituiu subitamente a liberdade.”

Planeta Terra

“Os mundos também estão sujeitos à lei do progresso. Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá transformação semelhante. Tornar-se-á um paraíso terrestre quando os homens se tornarem bons.”

Deus

“Só os Espíritos Superiores vêem a Deus e o compreendem. Os inferiores o sentem e o advinham.”

“O Espírito Inferior não vê a Deus, mas sente sua soberania, e sempre que uma coisa não deve ser dita, ele sente uma espécie de intuição, uma advertência invisível que o proíbe de fazê-lo.”

“Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi Ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo.”

“Ficai certos de que Deus não pode contradizer-se e de que, na natureza, tudo se harmoniza por meio de leis gerais que jamais se afastam da sublime sabedoria do Criador.”

Leis

“A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou não fazer e ele só é infeliz porque dela se afasta.”

“A lei de Deus é eterna e imutável, como o próprio Deus.”

“O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as leis da alma.”

“A lei de Deus está escrita na consciência.”

Verdade

“A verdade é como a luz: é preciso habituar-se a ela pouco a pouco, senão ela ofusca.”

Benção e Maldição

“A benção e a maldição jamais poderão desviar a Providência do caminho da justiça; ela só fere o maldito se ele for mau, e só cobre com sua proteção aquele que a merece.”

Pátria

“O princípio é sempre o mesmo: para os Espíritos elevados, a pátria é o Universo; na Terra, a pátria está onde se achem mais pessoas que lhes são simpáticas.”

Solo

“O solo é a fonte principal de onde se originam todos os outros recursos, pois, afinal de contas, esses recursos são simples transformações dos produtos do solo.”

“E, por ser ingrato, o homem a despreza. A terra, no entanto, é excelente mãe. Muitas vezes, também, o homem acusa a natureza daquilo que só resulta da sua imperícia ou da sua imprevidência.”

“A terra produziria sempre o necessário, se o homem soubesse contentar-se com o necessário.”

Vida vegetal

“A vida intra-uterina é a da planta que vegeta. A criança vive a vida animal. O homem possui em si a vida animal e a vida vegetal, que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual.”

Animais

“Uns querem que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Todos estão errados.”

“É bem verdade que o instinto domina a maioria dos animais. Mas, não vêes que muitos agem com vontade determinada? É que têm inteligência, embora limitada.”

“Os animais não são simples máquinas. Por serem inferiores ao homem, eles não têm os mesmos deveres. A liberdade de que gozam é restrita aos atos da vida material.”

“A alma dos animais não tem o livre-arbítrio.”

Bem e mal

“Não há ninguém que não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra oportunidade de o praticar.”

“O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo. Não há mérito algum em fazer o bem sem esforço e quando nada custa.”

“Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão do que o rico que apenas dá do que lhe sobra.”

“A lei de Deus é a mesma para todos, mas o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. O bem é sempre o bem e o mal é sempre o mal, seja qual for a posição do homem. A diferença está no grau de responsabilidade.”

“Deus sabe discernir o bem do mal, a prece não esconde as faltas. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas só o obtém se mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais do que as palavras.”

Fonte: espiritismo.net

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Amigo, continua servindo e não temas. Onde viste o lavrador que deitasse as sementes na terra e as visse germinar, no mesmo instante? O serviço que te confiei é aquele mesmo que o Pai me deu a fazer... Nenhum gesto de bondade e nenhuma palavra de amorse perdem na construção do Reino do Bem Eterno. (Meimei)

A Doutrina Espírita é Dogmática?

É comum a afirmação de que a Doutrina Espírita não possui dogmas.

Antes de refletir a respeito se faz necessário compreender a definição da palavra. De acordo com o dicionário Oxford, dogma é o “*ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível*”. A palavra dogma, em grego, significa “*o que se pensa ser verdade*”, “*fundamentado em princípios*”.

O codificador Allan Kardec, na obra “O Livro dos Espíritos”, destacou como subtítulo em sua página de rosto que o livro trata dos “Princípios da Doutrina Espírita” e destaca: “**Sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os Homens, as Leis Morais, a Vida Presente, a Vida Futura e o Porvir da Humanidade**”. No item IX da Conclusão deste mesmo livro encontra-se uma mensagem de Santo Agostinho: “**Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos hão de unir num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem.**”



No item 6 da Introdução de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec elenca os Princípios em que a Doutrina Espírita se fundamenta: *Existência de Deus e Sua obra; Existência e Imortalidade da Alma; Evolução dos Espíritos; Pluralidade das Existências e Pluralidade dos Mundos Habitados; Comunicabilidade dos Espíritos e Moral dos Espíritos Superiores*. Por serem pontos fundamentais da Doutrina, de acordo com o dicionário, estes são, então, seus dogmas.

O próprio codificador, em suas considerações à questão 222 de “O Livro dos Espíritos” expressa de forma muito clara: “**o dogma da reencarnação**” e “**o dogma da pluralidade das existências corporais**”.

Sobre a crítica que se possa fazer acerca do dogma, na edição de janeiro de 1866 da Revista Espírita 2, em um artigo sobre a prece no Espiritismo, encontramos a reflexão: “**Contestando um dogma, não se põe em oposição senão com a seita que o professa.**”

Diante de todas estas afirmativas, conclui-se que: sim, a Doutrina Espírita possui dogmas.

Mas de onde teria vindo a confusão que originou a reiterada frase de que o Espiritismo não é dogmático? E o que há de tão negativo no dogma?

A origem da confusão é desconhecida, mas existe a possibilidade de provir de uma interpretação distorcida da obra de Platão. A palavra grega dogma já era utilizada pelo filósofo em suas obras. Em “República”, encontramos: “**Temos desde a infância dogmas [dogmata] sobre as coisas justas e belas que(...) temos o hábito de seguir e de respeitar.**” Alguns críticos mais apaixonados sobre a questão do dogma o analisam à luz de “O Mito da Caverna” de Platão - o mundo das sombras descrito pelo filósofo seria o comportamento dogmático, ou seja, um mundo em que o homem não buscaria o conhecimento.

A defesa da premissa do Espiritismo sem dogma chega ao extremo de definir dogma como um sistema de opiniões o que, como já vimos no início deste artigo, são definidos como princípios fundamentais.

Há, ainda, aqueles que associam o dogma com a falta de racionalidade ou fé cega.

Se faz relevante uma breve análise sobre o que é a fé raciocinada antes de persistir na associação entre esta e a ausência de dogma. Para crer-se em algo se faz necessário compreendê-lo, caso contrário, é apenas uma crença sem fundamento. Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XIX – A Fé transporta montanhas – item 7 – Condição da fé inabalável – Kardec escreve: “**A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta ver, é preciso sobretudo, compreender. A fé cega já não é deste século, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre arbítrio.**” (...) “**A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa.**” E termina: “**Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.**”

Ou seja, o argumento de que o Espiritismo não seria dogmático porque se baseia na busca constante do conhecimento pelo questionamento filosófico, na sua comprovação pela metodologia científica, sempre norteado pelos ensinamentos morais de Jesus é infundado já que, justamente por esta base que expomos acima, qual seja, Filosofia/Ciência/Religião, é que a Doutrina Espírita propõe a fé raciocinada baseada em seus princípios fundamentais que seriam os seus dogmas.

Observe o leitor que há uma confusão generalizada entre associar dogma com estagnação de conhecimento quando se nota que a visão é justamente o contrário: ao ampliar seu conhecimento se faz necessário ao homem que se apoie em princípios que irão ajudá-lo na maturação do raciocínio que o levará a novos conhecimentos e, assim, sucessivamente. Novamente, devemos recorrer ao significado das palavras: princípio, segundo o Dicionário Oxford, é “*o que serve de base a alguma coisa; causa primeira, raiz, razão.*”

A Teoria do Conhecimento, área de estudo da Filosofia e da Psicologia, que discute como é possível ao ser humano chegar ao conhecimento, traz em uma de suas vertentes o “conhecimento crítico” que questiona as bases e as crenças do conhecimento, ou seja, os princípios deste conhecimento. Isto não significa que o conhecimento se faz sem princípios, ou seja, não há construção de conhecimento sem uma causa primária que dê o start.

Muito se fala em progressismo, sem se estudar verdadeiramente as obras básicas. Na dissertação espírita intitulada “A fé” publicada na Revista Espírita de agosto de 1865 3, o Espírito Demeure traz uma reflexão magnífica sobre a evolução da fé cega para a fé raciocinada. Segundo ele, a fé cega foi um **“véu momentâneo sobre a razão que começa a desenvolver-se e vacila nas trevas do Espírito. Ela conduzi-lo-á através das idades da simplicidade e far-se-á mestra pelas revelações. Mas, não estando ainda o raciocínio bastante amadurecido para discernir o que é justo do que é falso, para julgar o que vem de Deus, ela arrastará o homem para fora do reto caminho, tomando-o pela mão e pondo-lhe uma venda nos olhos. (...) Essa virtude desaparece quando a alma, pressentindo que pode ver com seus próprios olhos, a afasta e não mais quer marchar senão com a sua razão. Esta a ajuda a desfazer-se das crenças falsas que ela havia dotado sem exame.”**

Demeure finaliza a mensagem nos alertando para que assentemos **“a fé sobre as bases sólidas da razão”**. Assim, é pela fé raciocinada amparada pelos princípios fundamentais (dogmas) da Doutrina Espírita, associada aos questionamentos e ao trabalho e guiada pelo ensino moral do Cristo que conseguiremos construir o alicerce da “felicidade” em nós como Jesus nos legou no discurso das Bem Aventuranças.

Ana Claudia Marino

Referências Bibliográficas

Dicionário grego - <http://perseidas.fclar.unesp.br/3x/> - consulta realizada em 15/08/2023

Disponível em <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/900/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1866/5890/janeiro/consideracoes-sobre-a-prece-no-espiritismo>. Consulta realizada em 15/08/2023.

Disponível em <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/899/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1865/5829/agosto/dissertacoes-espirtas/a-fe>. Consulta realizada em 15/08/2023.

PLATÃO. *A República*. Ed. Lafonte, 1ª edição, 2017.

PLATÃO. *O Mito da Caverna*. Ed. Edipro, Edição de Bolso, 2015.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866. 131 ed. –Brasília: FEB, 2019.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos: filosofia espiritualista / recebidos e coordenados por Allan Kardec*. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. Ed. – 8. Imp. – Brasília: FEB, 2019.

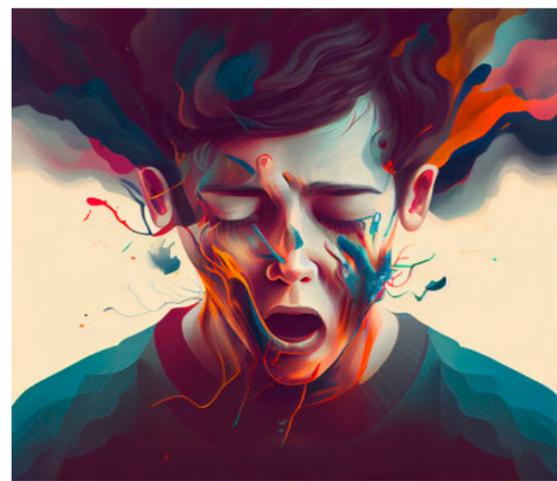
Fonte: espiritismo.net

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Compreendendo a Dor

“(...) a dor é uma lei de equilíbrio e educação.” ¹

Dor expiação: vem de dentro para fora, tendo como causa erros do passado, desta ou de outra vida. É a consequência da prática de algum mal, não necessariamente da mesma ordem que o que sofre. O orgulho, o egoísmo, os vícios, o ódio, a sexualidade irresponsável, entre outros sentimentos equivocados, desarmonizam o indivíduo desencadeando degenerações no corpo físico, manifestando-se através das doenças cármicas. É o caso do parálitico da piscina de Betesda (Jo 5, 1 a 17), que quando curado, ouviu de Jesus: **“Vá e não peques mais para que não te aconteça coisa pior”**.



“O sofrimento não tem exclusiva finalidade corretiva, senão educadora, abrindo percepções e facultando valores que não seriam conhecidos sem o seu contributo.” ²

Dor auxílio: programada antes da reencarnação, servindo como medida preventiva para evitar desvios no plano reencarnatório, ocasionar reflexões profundas pelas limitações que ocasiona ou evitar que o ser caia no mesmo erro de outra vida. Também se manifesta através de doenças prolongadas que antecedem o desencarne, a fim de proporcionar meditação e disciplina sadia. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem toda prova é uma expiação³ visto que pode ter sido pedida pelo espírito em dor-auxílio.

“A dor é o agulhão que o impele para frente, na senda do progresso.” ⁴

Dor-evolução: vem de fora para dentro, um sacrifício, sem que o agente tenha dado causa ao sofrimento através de um erro do passado. Muitas vezes são simplesmente provas buscadas pelo Espírito para concluir sua depuração e ativar seu progresso ⁵. É o caso do cego de nascença (Jo 9, 1 a 12), que aceitou a cegueira a fim de cooperar com a causa do Messias, sendo por ele curado. Ele sofreu pela causa do Mestre e não por causa de um erro cometido.

É também o caso dos missionários que aceitam sofrer males físicos, a fim de exemplificarem a resignação e aprimorarem o espírito. Essa dor é vivenciada de diferentes modos por todos os encarnados, sempre que um fato externo cause provação, exigindo paciência e calma. Pode ser encontrado no desemprego, na ingratidão dos filhos, no cônjuge difícil, entre tantas outras situações comumente vivenciadas.

“Esforça-te por seres a teu turno um exemplo para os outros; por tua atitude na dor pelo modo voluntário e corajoso com que a aceites, por tua confiança no futuro, torna-a mais aceitável aos olhos dos outros.”⁶

Claudia Schmidt

¹ DENIS, Leon. O Problema do Ser, do Destino e da Dor. 22. ed. Rio [de Janeiro]:FEB, 2000. p. 372.

² ÂNGELIS, Joanna. Otimismo. 5. ed. Salvador, Bahia: LEAL. p. 148.

³ KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 99. ed. Rio [de Janeiro]:FEB, 1998. cap. V, item 9.

⁴ KARDEC, Allan. A Gênese. 37.ed. Rio[de Janeiro]: FEB, 1996. cap. III, item 5.

⁵ KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 99. ed. Rio [de Janeiro]:FEB, 1998. cap. V, item 9.

⁶ DENIS, op. cit. p. 399.

Fonte: searadomestre.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Estudo do Evangelho no Lar é uma reunião em família, num determinado dia e horário da semana, para uma leitura e troca de ideias sobre os ensinamentos cristãos, em proveito do nosso próprio esclarecimento e do equilíbrio no lar.

Momento que nos permite elevar nossos pensamentos e sentimentos, favorecendo assim a assistência dos Mensageiros do Bem.

Roteiro para Evangelho no Lar:

<https://www.geedem.org.br/evangelho-no-lar>

Músicas para Evangelho no Lar:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBi_bNwvcF6UmbKaPwyJ9BCGFvi3C_a

A Visão Espírita do Natal

Embora associemos o Natal ao nascimento de Jesus, a tradição da festividade remonta a milênios. As origens do natal vêm desde dois mil anos antes de Cristo. Tudo começou com um antigo festival mesopotâmico que simbolizava a passagem de um ano para o outro, o Zagmuk. Para os mesopotâmicos, o Ano Novo representava uma grande crise. Devido à chegada do inverno, eles acreditavam que os monstros do caos enfureciam-se e Marduk, seu principal deus, precisava derrotá-los para preservar a continuidade da vida na Terra. O festival de Ano Novo, que durava 12 dias, era realizado para ajudar Marduk em sua batalha.

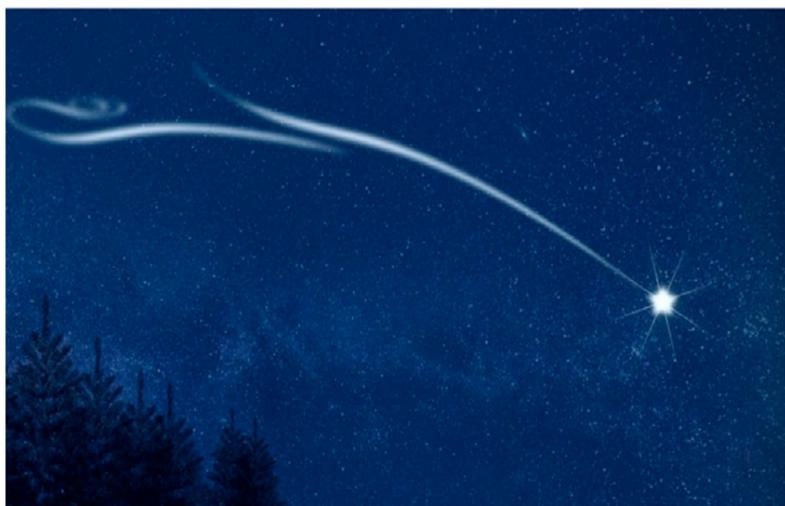
A mesopotâmia inspirou a cultura de muitos povos, como a dos gregos, que assimilaram as raízes do festival, celebrando a luta de Zeus contra o titã Cronos. Mais tarde, por intermédio da Grécia, costume alcançou os romanos, sendo absorvido pelo festival chamado Saturnalia, pois era em homenagem a Saturno. A festa começava no dia 17 de dezembro e ia até o 1º de janeiro, comemorando o solstício do inverno. De acordo com seus cálculos, o dia 25 era a data em que o Sol se encontrava mais fraco, porém pronto para recomeçar seu crescimento e espalhar vida por toda a Terra.

Durante a data, que acabou conhecida como o Dia do Nascimento do Sol Invicto, as escolas eram fechadas e ninguém trabalhava. Eram realizadas festas nas ruas, grandes jantares eram oferecidos aos amigos, e árvores verdes – ornamentados por muitas velas – enfeitavam as salas para espantar os maus espíritos da escuridão. Os mesmos objetos eram usados para presentear uns aos outros.

Depois de Cristo

Nos primeiros anos do Cristianismo, a Páscoa era o feriado principal. O nascimento de Jesus não era celebrado.

No século IV, a Igreja decidiu instituir o nascimento de Jesus com um feriado. Mas havia um problema: a Bíblia não menciona a data de seu nascimento. Então, apesar de algumas evidências sugerirem que o nascimento de Jesus ocorreu na primavera, o Papa Júlio I escolheu 25 de dezembro. Alguns estudiosos acreditam que esta data foi adotada num esforço de absorver as tradições pagãs da Saturnalia.



Hoje, as Igrejas Ortodoxas grega e russa, celebram o Natal no dia 6 de janeiro, também referido como o “Dia dos Três Reis”, que seria o dia em que os três magos teriam encontrado Jesus na manjedoura.

Data Provável do Natal

Lemos no Evangelho de Lucas: *“E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse. Este primeiro alistamento foi feito sendo Quirino governador da Síria.”* César Augusto reinou de 30 a.C a 14 d.C.

Mas o censo ocorreu em 6 d.C., o que permite ver que a determinação da data está historicamente imprecisa. Há, no entanto, uma tradução proposta, segundo a Bíblia de Jerusalém: *“Esse recenseamento foi anterior àquele realizado quando Quirino era governador da Síria.”*

Jesus nasceu antes da morte de Herodes, morte esta que aconteceu em 4 a.C., provavelmente entre 8 e 6 a.C. A chamada Era Cristã foi estabelecida por Dionísio, o pequeno, apenas no século 6 e é fruto de um erro de cálculo.

Quando Jesus iniciou o seu ministério ele tinha provavelmente 33 anos, ou até 36. E Dionísio, o pequeno, considerou como se ele tivesse 30 anos, embora Lucas (3:23) fale em “mais ou menos 30 anos”.

Neste ponto a revelação espírita pode, como em tantos outros, contribuir com os historiadores.

Humberto de Campos, em mensagem psicografia por Chico Xavier e publicada em Crônicas de Além-túmulo, aponta o ano 749 da era romana como sendo o ano do nascimento de Jesus, o que corresponderia ao ano 5 a.C.

Do mesmo modo, Emmanuel informa-nos em Há 2000 Anos que o ano da crucificação de Jesus foi o 33 a.C. Sendo assim, portanto, Jesus iniciou o seu ministério com 35 anos e desencarnou com 38.

Um Significado Espiritual

Diz, então, a sequência do Evangelho de Lucas: *“E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. E subiu da Galiléia também José, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi chamada Belém (porque era da casa e família de Davi)”*

Belém situa-se a 6 quilômetros de Jerusalém e a 800 metros de altitude, nos montes da Judéia. Por isso a expressão “subiu da Galiléia à Judéia”.

Buscando o sentido espiritual do Evangelho, podemos entender Nazaré como sendo nossas vivências na área da razão. É o racional que hoje, no dia a dia, fala mais alto em nossos procedimentos.

Belém seria assim, a representação de nosso encaminhamento levando em conta o sentimento equilibrado, a intuição, ou o amadurecimento da própria razão pelo equilíbrio desta, através da vivência, com o emocional.

O nascimento de Jesus em Belém significaria, assim, o início de uma nova era em que a justiça se converte em amor, e o racional é espiritualizado através de seu perfeito equilíbrio com o emocional.

Historicamente, não há certeza sobre Jesus ter nascido em Belém ou Nazaré. O que realmente importa, porém, é apropriarmos de seu sentido reeducativo, é saber que, para que o Cristo nasça em nossa intimidade é necessário agir equilibrando sentimento e razão, intelecto e moral, conhecimento e aplicação. Pois, se no plano horizontal necessitamos da ciência em nossas movimentações cotidianas, para verticalizarmos nossas conquistas não podemos prescindir de uma moral elevada consoante os ensinamentos contidos no Evangelho.

Para que o Cristo nascesse, Maria e José tiveram que subir da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi chamada Belém, significando assim a necessidade de subirmos espiritualmente para refletirmos o Cristo em toda sua grandeza.

Prossegue a Narrativa

O Evangelho de Lucas nos conta, então, que *“a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos e deitou-se numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.”*

Jesus vem à luz por meio de Maria. Assim narra o evangelista: *“E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.”*

“Virgem” aqui se refere a núbil (mulher em idade para se casar), ou mulher jovem que, em hebraico é almah, Era um termo usado quando se referia a uma donzela ou jovem casada recentemente, não havendo nenhuma referência em particular à virgindade como entendemos hoje.

Gabriel, então, disse: *“E eis que em teu ventre conceberás, e dará à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.”* Maria estava preparada, por isso pôde conceber Jesus em seu ventre, isto é, dentro de si.

E nós, o que estamos cultivando, o que estamos construindo dentro de nós mesmos? Quando estaremos preparados para trazer à luz o Cristo imanente em nós? Aquele que, segundo o texto evangélico, *“será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim.”*

No entanto, Maria indaga: *“Como se fará isso, visto que não conheço varão?”* E respondendo o anjo, disse-lhe: *“Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.”*

A outra possível tradução para “Espírito Santo” é “sopro sagrado”, dando a entender a presença de Deus em nós quando a Ele estamos ajustados. Àquele tempo a presença de Deus (IHVH) era manifesta por uma nuvem, por isso o uso da expressão “cobrirá com sua sombra”.

Nasce a Virtude nos Corações

A descida do “sopro sagrado” representa bem o momento de fecundação da virtude em nós. O valor vem do alto por meio da revelação superior, necessitando ser por nós absorvido e vivenciado para fixação, que se dá com o nascimento do novo ser em que nos transformamos a partir de então. Por isso, o Cristo é sempre fecundado pelo Espírito Santo.

Disse, então, Maria: *Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.”* Perfeitamente justada aos Desígnios Superiores, Maria se entrega totalmente a eles. É aquele momento em que há perfeito entendimento do mecanismo da vida, quando o Espírito sabe que o mais importante é atender a Vontade do Pai e, então cumpre-a fielmente.

É a liberdade-obediência. Encontramos assim em Maria as três qualidades básicas para que o Cristo possa nascer: confiança, consciência e obediência sintetizadas na fé.

Mais Lições a Serem Aprendidas

Jesus envolvido em panos nos ensina a lição de simplicidade: enquanto nos preocupamos tanto com os acessórios em nossa vida do dia-a-dia, os Espíritos superiores ocupam-se com o que verdadeiramente é importante para a vida imortal.

A manjedoura é o tabuleiro em que se deposita comida para vacas, cavalos etc. em estábulos. Segundo Emmanuel em A Caminho da Luz, *“a manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.”*

Por meio de Jesus colocado em um tabuleiro como alimento para animais, o Evangelho ensina-nos que, se quisermos deixar a condição de animalidade em favor de uma espiritualidade mais autêntica, é preciso que tenhamos o Cristo, ou a Boa Nova, por ele proposta, como alimento definitivo de nossas almas. Condição esta confirmada por ele mesmo quando mais adiante nos afirma: “Eu sou o pão da vida.” Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.

Outra lição encontrada é a da resignação, “por que não havia lugar para eles na estalagem”. É muito comum este fato, quando nos ajustamos aos desígnios superiores e agimos em favor do amor e da fraternidade, não há para nós lugar onde se instala o interesse imediatista do mundo material.

A Visita dos Magos

Narrada no Evangelho de Mateus, a visita dos magos e suas dádivas originaram as tradições de presentes no Natal. No entanto, dádivas seriam doações espontâneas de algo valioso, material ou não, a alguém; presente, oferta, mimo, brinde. Não é o que acontece atualmente no Natal.

Os presentes nem sempre são espontâneos, mas fruto de interesses outros. O que não tem valor material não é bem aceito como presente, mostrando assim a faixa de interesses a que estamos ajustados. A expressão “seus tesouros” que se refere aos presentes ofertados, dá a entender que estes já lhes pertenciam, ou seja, que já tinham sido por eles conquistados. Então deveríamos dar valores que já são nossos, nossas conquistas individuais, de nós mesmos e espontaneamente.

Os presentes também contêm significados. O ouro refere-se à autoridade sobre as coisas materiais; o incenso, à autoridade sobre as questões espirituais. A mirra é uma planta de cuja casca sai uma resina aromática. De aroma agradável e gosto amargo, na Antiguidade, segundo o Dicionário Houaiss, ela era usada como incenso e remédio.

Pode revelar, desta forma, dois significados. Foi dado a Jesus o poder sobre as enfermidades: *“Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si...”*, diz *Isaias, 53:4*. E representa também a necessidade do testemunho (“gosto amargo”), testemunho este que dá o poder e autoridade sobre as enfermidades e sobre as questões materiais e espirituais.

O Personagem Principal

Se historicamente não podemos precisar com certeza onde e quando se deu a noite do nascimento de nosso Mestre Maior, é certo que ela aconteceu. Emmanuel assim a descreve em A Caminho da Luz: *“Harmonias divinas cantavam um hino de sublimadas esperanças no coração dos homens e da Natureza. A manjedoura é o teatro de todas as glorificações da luz e da humildade, e, enquanto alvorecia uma nova era para o globo terrestre, nunca mais se esqueceria o Natal, a ‘noite silenciosa, noite santa’”.*

Como já dissemos, o nascimento de Jesus representa o início de uma nova era em que a justiça se converte em amor, e a fraternidade pura, através de sua exemplificação, meta a ser alicerçada em nossos corações. Antes era o homem biológico, depois, o homem espiritual.

Na festa que preparamos ao final de cada ano, Jesus deveria ser personagem principal. Assim também, como devemos nos preparar para ela, qual a melhor vestimenta a usar?

Aqui deixamos duas passagens evangélicas para refletirmos sobre estes temas: uma de Mateus: “Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer, tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E, quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”

Que façamos em nome do Cristo um Natal diferente. Que saíamos de nós mesmos, de nossos caprichos e desejos pueris, buscando atender as necessidades de nossos semelhantes mais carentes. Reclamamos do “pouco” que temos, mas quão muito é esse pouco se comparado ao enorme percentual da humanidade que muito menos tem, chegando a faltar até o básico necessário? Lembremos destas palavras: *“Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes...”*

Na outra passagem de Mateus, lemos: *“E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo...”* Para que possamos estar vestidos com a “túnica nupcial” é preciso estarmos ajustados ao fluxo da vida que é a Lei Superior, que é Amor. Os lírios “não trabalham e nem fiam”, mas cumprem a sua missão de enfeitar mesmo tendo nascido em condições adversas (brejo, lodo etc.).

Ao dizer que nem mesmo o Rei Salomão em toda a sua exuberância se vestiu como qualquer deles, a beleza que Jesus observa é a que vem de dentro, aquela gerada pela consciência tranquila do dever cumprido e do ajuste aos Propósitos Superiores.

Nada dá mais segurança e firmeza do que o Evangelho vivenciado. Assim, firmemo-nos em seus ensinamentos de moral superior e estaremos preparados para que o Cristo nasça em nós, e pelos frutos de nossas ações também possamos ser chamados de Filhos do Altíssimo ou Filho de Deus, por quem quer que seja.

Fonte: <https://se-novaera.org.br/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Não esqueça o principal

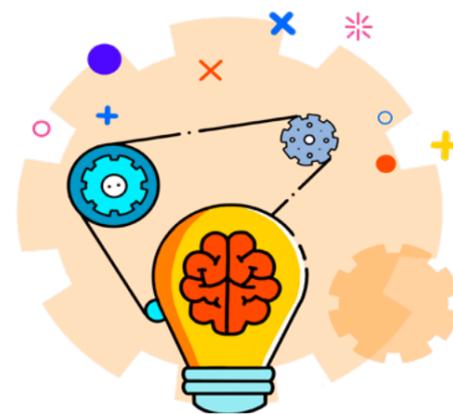
“Aquele que não faz silêncio interior, que não consegue fazer o auto-encontro, que não possui serenidade para admirar uma paisagem, não sabe orar e, por conseguinte, não encontra DEUS. Jesus estabeleceu: o Reino de DEUS está dentro de vós (Lucas, 17: 21). Daí a necessidade urgente do indivíduo se concentrar, manter o foco, meditar e refletir. Contudo, enquanto se mantiver preso como um viciado à tecnologia necessitando fugir de si mesmo a cada segundo, sem conseguir sequer manter uma conversa pessoal sem recorrer a aparelhos eletrônicos a cada passo, não passará de simples esboço do Homem Integral a caminho da felicidade.”

Joanna de Ângelis/Psicografia de Divaldo Franco. Livro: Ilumina-te

Siga a Família GEEDM.

Clique nos ícones para ser direcionado.





Desde os tempos mais remotos, desde a criatura mais primitiva, pesquisas e estudos científicos encontraram o germe da razão e do bom-senso ao descobrirem atos e comportamentos diversos, como a busca de abrigo, de alimento, de ajuntamento em grupos facilitando a defesa, a proteção e a reprodução, entre outros procedimentos, alguns por instintos herdados das precedentes fases evolutivas do princípio inteligente e alguns com o progresso gradativo da inteligência.

A partir do momento em que o ser humano passa a viver em grupo, iniciando assim uma coletividade de criaturas, naturalmente todas diferentes entre si, embora com algumas semelhanças, dando origem à ideia rudimentar e primordial de uma sociedade, surge espontaneamente a figura de uma liderança – seja por ser o mais idoso e, por isso, considerado como sábio conselheiro; seja por ser o mais capacitado em inteligência e astúcia; seja por ser o mais forte fisicamente; seja por possuir temperamento forte e autoritário; ou seja, ainda por ser aquele que, de uma forma ou de outra, pretende assumir para si o conhecimento das forças da natureza, explicando-as como demonstrações de um poder divino que poderiam ser administradas e controladas por seu intermédio através de rituais, oferendas e até sacrifícios.

Com o decorrer dos tempos, milênios e milênios, essas coletividades vão se expandindo, se diversificando e, conseqüentemente, devido a necessidades diversas, tanto de subsistência quanto ambiciosas, passam a competir entre si pela posse das melhores terras, melhores localizações, usurpando e apoderando-se de bens de todo tipo dos vencidos e subjugados, nascendo, assim, de há muito, o que passamos a conhecer como escravidão.

E a vida, entre vindas e idas, no aqui e no acolá, prossegue seu caminho, sempre regida pela lei do progresso – coletividades simples tornam-se países, nações, requerendo então estruturas sociais mais complexas, organização mais eficiente, instituições de variadas finalidades mais eficazes, do que decorre também ser preciso haver lideranças específicas, próprias a cada especialidade, realizadoras e executoras de regras de procedimentos comunitários, criadoras de uma legislação que pudesse oferecer segurança e harmonia para todas as pessoas, lideranças, enfim, promotoras de bem estar social em todos os sentidos, compreendendo-se nisso educação integral, saúde e possibilidades de trabalho e desenvolvimento em todas as áreas da cultura humana.

Contudo, a criatura, “o ser pensante da criação” (1), depois de uma longa e penosa jornada de séculos e séculos, embora suas notáveis conquistas técnicas, tecnológicas e culturais, em geral ainda guarda vivo em espírito, nos refolhos da sua memória, aquele líder tribal sequioso de poder, de dominação, aquele narciso apaixonado por si mesmo, acreditando-se o melhor, o dono da verdade, o infalível... Os Átilas, os Gengis Khan, os Césares, os Bonapartes e outros tantos monarcas e governantes de variados títulos e, até religiosos, cultuadores da supremacia a todo custo.

Sucederam-se os mais diversos sistemas de governar e comandar nações – reinados, impérios, ditaduras, comunismo, socialismo, democracia, capitalismo, liberaisismos e outros demais “ismos” por esse mundo afora... Considera-se atualmente que, dentre todos os sistemas, o da democracia seria o mais benéfico para a sociedade. Mahatma Gandhi declarou: “A democracia, disciplinada e esclarecida, é a melhor coisa do mundo. Minha noção de democracia é um regime em que o mais fraco deve ter as mesmas oportunidades do mais forte (...) O espírito da democracia não é uma coisa mecânica, a ser ajustada pela abolição de formas. Exige uma mudança de coração.” (2) E Jean Jacques Rousseau, filósofo e educador, afirmou: “Democracia é quando não há alguém tão rico que possa comprar os outros, nem ninguém tão pobre que aceite se vender”.

O termo democracia tem origem grega: demos=povo; kratos=poder. É consenso geral que nosso país atualmente está sob um sistema democrático, ou seja, sob governo democrático, em que o poder é exercido pelo povo. E como nós, povo, cidadãos, espíritos ou não, podemos exercer esse poder? Através do VOTO consciente, legítima manifestação e atitude do ser pensante, que faz uso da razão e do bom-senso, analisando candidatos e suas vivências, seus procedimentos diante da vida em geral e face às comunidades, aos coletivos, às conjunturas em que se achava e acha inserido; analisar ainda seus projetos e planos, se estão conforme à melhoria da situação e das condições do conjunto de cidadãos ou se, nas entrelinhas, se percebe algum interesse pessoal; e mais, que posturas éticas e morais, deixou esse ou aquele candidato na esteira de seus passos até aqui...

É neste mês de novembro que temos a oportunidade de utilizar a mais poderosa ferramenta para a melhoria (ou não) da situação social do nosso país – o VOTO. A omissão, deixar de exercer esse direito, esse dever, é falha grave diante da lei, da sociedade, da humanidade e, sobretudo, diante da própria consciência. Para tanto, mais do que nunca, necessitamos do uso da razão e do bom-senso, das nossas qualidades de seres pensantes e de criaturas em busca do bem como um todo, para todos.

Doris Madeira Gandres

Bibliografia:

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec q.76.

As Palavras de Gandhi, de Richard Attenborough.

Fonte: Correio Espírita

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Fora da Caixa

O Que Acontece Por Aí

Pinacoteca de São Paulo



A Pinacoteca do Estado de São Paulo é um dos mais importantes museus de arte do Brasil. Ocupa um edifício construído em 1900, no Jardim da Luz, centro de São Paulo, projetado por Ramos de Azevedo e Domiziano Rossi para ser a sede do Liceu de Artes e Ofícios.

Acesse as informações, Como localização, programação no link abaixo:

<https://pinacoteca.org.br/>

 @pinacotecasp

Museu da Língua Portuguesa



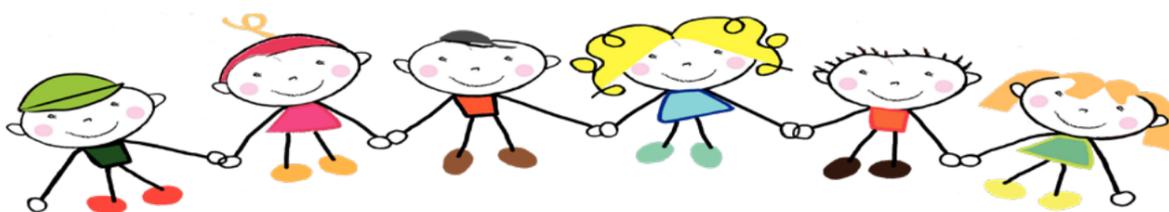
Exposição: “Essa Nossa Canção”

As relações profundas entre a língua portuguesa, a música e nossos diversos ritmos é o tema da exposição “Essa Nossa Canção”, do Museu da Língua Portuguesa. A mostra aborda variados gêneros musicais e promove conexões entre algumas das canções mais representativas da história e as formas contemporâneas de expressão musical.

<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

[@museudalinguaportuguesa/](https://www.instagram.com/museudalinguaportuguesa/)

Para a Criançada!



O Catraquinha um canal sobre infância que traz um conteúdo focado em fomentar que as cidades sejam mais acolhedoras às crianças e à infância. Este projeto quer subverter a lógica de ocupação do espaço público nas maiores cidades brasileiras, empoderando famílias para que se apropriem das cidades e passem a usá-las para a inclusão social, cultural e de saúde das crianças. Dicas de programas presenciais e virtuais.

<https://catracalivre.com.br/catraquinha/>



Adélia Luzia Prado de Freitas é uma poetisa, professora, filósofa, romancista e contista, ligada ao Modernismo. Considerada a maior poetisa viva do Brasil, e uma das maiores de todos os tempos.

A escritora mineira publicou o seu primeiro livro aos 40 anos. Intitulado *Bagagem* (1976), essa primeira publicação foi apadrinhada por Carlos Drummond de Andrade que, além de elogiar a autora estreante, enviou a série de poemas para a Editora Imago.

Assim que foi lançado, o livro chamou a atenção da crítica especializada e Adélia passou a ser vista com bons olhos. De lá para cá, a poeta vem publicando com certa regularidade, tendo se tornado um dos grandes nomes da poesia brasileira.

Dona de um estilo muitas vezes caracterizado como um romantismo crítico, Adélia Prado usa em seus poemas uma linguagem coloquial e pretende transmitir para o leitor novos pontos de vista sobre o cotidiano, muitas vezes o ressignificando.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Carga muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

Inserido em Bagagem, seu livro de estreia, Com licença poética é o poema que inaugura a obra e faz uma espécie de apresentação da autora até então desconhecida do grande público.

Não "tem que" nada! O Risco de que o autocuidado vire mais uma obrigação.

Estressada com as regras do autocuidado? 'Esqueça os protocolos e faça só o que funciona e dê prazer', afirmam especialistas.



Mulheres dizem se sentir sobrecarregadas com check list de como se cuidar.

Você tem que beber água, tem que dormir bem, tem que comer corretamente, tem que meditar, tem que estar magra, tem que fazer treino aeróbico, tem que fazer check up, tem que ir à terapia, tem que dormir oito horas, tem que encontrar as amigas, tem que estar bem.

É muito "tem que", não? Para especialistas, o autocuidado, que deveria ser um olhar generoso das pessoas consigo mesmas, em especial das mulheres, pode estar se tornando mais uma sobrecarga em meio a tantas obrigações, como trabalho e demandas da família.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declara que o autocuidado é a capacidade de indivíduos, famílias e comunidades de promover a saúde, prevenir doença e manter o bem-estar. Mas como surgiu essa mentalidade?

A antropóloga Mirian Goldenberg, que tem mais de 30 livros publicados, acredita que a ideia de autocuidado surgiu para compensar uma sociedade cada vez mais individualista.

– Algumas palavras entram na moda, como autoestima, estresse... Agora é autocuidado, que acho que existe muito em função das mulheres não terem tempo para se cuidar porque cuidam de todo mundo. Mas poderíamos tirar o auto e falar sobre o que é cuidado hoje. É cuidar também de quem cuida para a pessoa não ficar tão estressada. Um cuidando do outro seria o ideal, mas isso não vai existir mais, vivemos numa sociedade egoísta – pondera.

De acordo com ela, quando se fala em autocuidado o alvo é, de forma geral, a mulher mesmo:

– Elas cuidam de todo mundo e ninguém cuida delas. O autocuidado masculino é totalmente diferente. Primeiro que os homens não se cuidam, quem cuida da grande maioria dos homens é a mulher, que leva ao médico, corta unha, escolhe roupa. Eles se reservam outras preocupações.

A questão central é que o que era para ser uma mentalidade positiva acaba virando mais uma forma de pressão, como muita gente vem sentindo.

– O autocuidado é uma coisa muito individual: correr e meditar pode ser bom para um, enquanto o outro quer descansar. Cada um precisa encontrar o seu. A gente vê essas regras, mas não dá para generalizar. Tem que diminuir a voz externa e aumentar a voz interna porque só você sabe o que gosta e o que cabe na sua rotina. Fica muito no “deveria”, “tem que”, e a pessoa deixa de entender o que faz sentido para si mesma – diz a psicóloga Julia Bittencourt, autora dos livros “Psicologia e saúde da mulher” 1 e 2 (Editora Conquista).

Cobrança

Segundo ela, é, sim, importante ter um tempo para si mesma, prestar atenção à saúde, ter prazer, hobbies, mas, às vezes, fazer uma coisa por dia por si mesma já é bastante dentro da rotina, no entanto a pessoa se cobra fazer dez coisas que ouviu falar e não consegue:

– Quando se pensa em comportamento humano tem sempre esse oito ou 80. Antigamente todo mundo estava na correria, trabalho, filhos, dar conta de um checklist sem se incluir nessa lista. Veio essa ideia de que a gente precisa se cuidar. É importante, mas talvez tenha ido para o outro extremo, tomar água com limão, fazer musculação, acordar 5h da manhã para meditar... A pauta da saúde está em alta e é essencial, mas não deve ir para o outro extremo.

A própria Mirian Goldenberg, que enfrenta uma situação pessoal difícil no momento, conta que, mesmo diante da pressão para que faça musculação, segue com suas caminhadas diárias.

– Autocuidado hoje para mim não pode ter a ver com mais uma obrigação e um trabalho. Eu caminho todo dia, isso faço desde os 8 anos, e sempre foi minha forma de elaborar os pensamentos, meus sofrimentos. Isso para mim é autocuidado, não é algo que alguém me disse. Tem que fazer musculação... O “tem que”, principalmente nos momentos em que a gente mais precisa, vira uma nova forma de pressão e sofrimento. Porque além de tudo você se sente culpada por não fazer o “tem que”. Autocuidado é importante, mas é individual. Não pode vir de fora – explica.

A solução para isso a antropóloga busca na filosofia estoica: o princípio básico é você agir o máximo e melhor naquilo que tem controle, e evitar que afete sua vida o que você não tem controle.

–E, dentro disso, viver a vida da melhor forma possível, ter uma vida equilibrada. Mas vai acontecer um monte de coisa, tem gente que se cuida 100% e morre num incêndio, ou afogada – afirma Goldenberg.

Estética

Há muito tempo se ouve críticas de que alguém, em geral uma mulher, é descuidada. Estaria o lado estético relacionado ao autocuidado? Não deveria.

– Existe o autocuidado da saúde física, mental e espiritual e existe o cuidado da aparência, que não chamaria de autocuidado. Essa ideia de que se você não é vaidosa, você não se cuida. Há 30 anos pesquiso mulheres e já ouvi isso 200 vezes. A novidade é que, com a pandemia, as pessoas passaram a priorizar o que é cuidado de verdade. A questão estética para algumas mulheres pode ser uma coisa importante. Tem que compreender a lógica de cada pessoa, sem julgar – afirma a antropóloga. – Cabe a cada uma de nós decidir o que realmente é importante apesar da pressão. Não somos vítimas indefesas, a maturidade é a autonomia de escolha. Tem pressão, mas não faço a unha, tem pressão, mas não faço musculação – completa.

Julia Bittencourt segue na mesma linha. Fazer a unha, pintar o cabelo, fazer tratamentos de pele, estar magra ou bem vestida. Quanto é pressão externa para estar bonita e quanto é uma coisa que te dá prazer ou te faz bem?

– A pessoa tem que avaliar o que serve a ela e o que serve ao outro – alerta.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/noticia/2023/12/10/estressada-com-as-regras-do-autocuidado-esqueca-os-protocolos-e-faca-so-o-que-funciona-e-de-prazer-afirmam-especialistas.ghtml>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.